ANO 19.º QUINTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 1939 N.º 5907

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

FONTE MONUMENTAL

Deve estar pronta em julho do proximo ano, a fonte monumental que se vai construir no topo da avenida Afonso Henriques—arteria que será muito mais longa que a avenida da Liberdade. Os seus jogos de agua serão iluminados, o que produzirá um lindo efeito, tendo já sido fechado contrato com uma casa de Paris da especialidade. O caudal, que será alimentado por três descarregadores, é sempre o mesmo, embora a sua arquitectura liquida, se modifique, em numerosos jogos, por taças, lagos, repuxos, etc.

A fonte monumental delineada com elegancia tem três planos, sendo o ultimo uma grandiosa esplanada, que disfruta uma linda vista sôbre o Tejo. O custo da obra deve ser, aproximadamente, de 2.500 contos.

CARDIGOS

Publicou «Monografia de Cardigos», P. Henrique da Silva Louro, que mostra muita disposição para os estudos historicos. Aborda em todos os seus aspectos um assunto quasi inteiramente mergulhado na ignorancia e na indiferença.

Graças a um paciente e inteligente trabalho de investigação, Silva Louro expôs na verdade do seu passado a encantadora vila que, a quinhentos metros de altitude, vive um pouco como as aguias entre serras que a circundam e que ela realça com as «variações» coloridas do seu casario e o pitoresco austero dos pinhais, dos sobreiros, das oliveiras e das hortas onde cantam as aguas que se derramam nas verduras.

UM PREGADOR

O padre Jauvier, que repousa agora na cripta dos Dominicanos em Montparnasse, foi um verdadeiro amigo dos artistas de teatro e dos jornalistas.

O grande orador de Notre Dame sabia que nem todos o poderiam ouvir, porque as suas horas de trabalho ou de descanso eram inconciliaveis com as da predica.

Reunia-os numa modesta capela da rue des Saints-Pères e falava-lhes uma linguagem que era para eles consoladora e fortificante. Quantas vezes as lagrimas não correram silenciosas, emquanto ele lhes dizia:

—«E' necessario amar a vida sem trair a morte!».

UM EXEMPLO

Este ano, em França, o primeiro de maio foi celebrado duma maneira original—trabalhando. A C. G. T. não lançou a celebre ordem de greve, como fazia habitualmente: os apitos das fabricas chamavam os operarios ás oficinas e os maquinismos giraram a todo o vapor.

Quem determinou esta revolução pacifica?

Quando a patria sofre e receia pelo seu futuro, o espirito de sacrificio vence todas as hostilidades e faz desaparecer todas as oposições.

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

As melindrosas relações germano-polacas

constituem a preocupação dominante nas chancelarias

Actividade diplomatica

As negociações anglo-russas

PARIS, 4. — O «Journal» noticia de Londres que a resposta á proposta russa não deve tardar e parece que os dirigentes britanicos insistirão por que, em primeiro lugar, a Russia confirme as garantias franco-inglesas, dadas á Polonia e á Romenia.

A «Epoque» diz que a aliança russa não é uma solução ideal e comporta riscos enormes que, todavia, é preciso saber aceitar. Tem d resto a impressão de que a aliança será apenas uma solução provisoria.

Outro jornal afirma que Chamberlain tem a impressão de que dentro de uma semana os polacos já estarão prontos a tratar com Moscovo, pois a ameaça alemã precisar-se-á. Desta forma, o primeiro ministro inglês achou preferivel esperar, pois em 15 de maio o representante da Russia terá ocasião de se encontrar em Genebra com Bonnet e Halifax.—(Havas).

A polonia negociará, num pé de igualdade, dirá amanhã Beck

LONDRES, 4—O «Financial Times» prevê que o coronel Beck, no seu discurso de amanhã, declarando, por um lado, que a Polonia não pode curvar-se perante a força ou intimidação, afirmará, contudo, que o seu governo está pronto a negociar num pé de igualdade.—(Havas).

A acuidade da questão de Dantzig

LONDRES, 4. — O conselheiro da embaixada da Grã-Bretanha em Varsovia está em Londres, onde foi chamado ha dias. Consta que a presença dêste diplomata, que conhece intimamente a situação polaco-alemã e o ponto de vista polaco, foi considerada util nêstes dias proximos, em que a questão de Dantzig revestirá particular importancia.—(Havas).

Conferencia no Quai d'Orsay

PARIS, 4.—Bonnet recebeu esta manhã o embaixador da Polonia.—(Havas).

Embaixador alemão em Londres

LONDRES, 4.—Diz-se nos circulos alemães que o regresso do embaixador do Reich em Londres é esperado no fim da semana.—(Havas).

A demissão de Litvinof

Berlim espera o malôgro das negociações em curso

BERLIM, 4. — Os circulos politicos mostram-se indiferentes perante a demissão de Litvinof, pois declaram não os interessar as questões de pessoas, mas de politica. Trata-se de saber se a politica externa russa—dizem—continuará ou não a apoiar-se no Komintern. Se essa politica, com visos á revolução mundial continua, a attitude da Alemanha—afirmam—não se alterará. Todavia, em Berlim não se esconde a esperança de que a demissão de Litvinof possa perturbar as negociações em curso entre Moscovo e as potencias ocidentais.—(Havas).

A substituição foi provocada pelo exercito vermelho

PARIS, 4—O «Jour» informa, a proposito da demissão de Litvinof, que os russos teriam pensado em se retirar das questões europeias. Acrescenta que o exercito vermelho manifestava certa impaciencia e condenava os escrupulos genebrinos de Litvinof, que impediam a conclusão dum acôrdo bilateral imediato anglo-russo.—(Havas).

A politica russa não sofrerá alteração —diz-se em Londres

LONDRES, 4.—Os circulos sovieticos de Londres ainda não receberam nenhuma informação relativa ás circunstancias em que se deu a demissão de Litvinof. Declara-se, todavia, nessas esferas que a mudança de titular na pasta dos Negocios Estrangeiros não implica nenhuma alteração na orientação da diplomacia sovietica. Cita-se, em apoio desta opinião, o facto da politica externa da U. R. S. S. ser fixada por todo o governo sovietico, nomeadamente pelo «bureau» politico de que, de resto, Litvinof nunca foi membro.—(Havas)

Actividade militar

As providencias militares em França

PARIS, 4. — A França continua a adoptar providencias militares. Todos os homens que nas ultimas semanas foram chamados ás fileiras permanecem nos seus postos e as medidas para reforçar as linhas defensivas francesas continuam a ser aplicadas. —(United Press).

O primeiro contingente de recrutas ingleses

LONDRES, 4.—O redactor parlamentar de «Press Association» prevê que Ernest Brown, que responderá hoje pelo governo durante o debate sôbre o projecto de lei relativo á instrução militar, anunciará que o primeiro contingente de recrutas será, provavelmente, convocado durante os quinze dias que se seguirão á aprovação definitiva daquele projecto pelo Parlamento—(Havas).

Um emprestimo inglês á Romenia para compra de material belico

LONDRES, 4 — O correspondente do «Times» em Bucareste diz que os trabalhos da missão economica britanica na capital romena têm feito progressos. Devido a novas instruções recebidas de Londres, a missão pôde oferecer um credito de 10 milhões de libras. Esta importancia compreenderia um emprestimo propriamente dito e creditos de exportação. Sabe-se que o emprestimo deverá ser utilizado na compra de material de guerra. —(Havas).

Weygand abandonou Ankara

ANKARA, 4. — O general Weygand partiu. Apresentou-lhe cumprimentos de despedida na estação o ministro da Guerra, general Finaz. Declarou ao representante da Havas que recebeu na Turquia o mais amavel acolhimento, dizendo-se impressionado com as atenções de que foi objecto.—(Havas).

A posição dos Estados Unidos

Antigo adversario de Roosevelt que apoia a tese do presidente

KANSAS CITY, 4.—Landon, chefe republicano, falando na «Methodist Uniting Conference», aprovou calorosamente a ideia da conferencia da paz tal como Roosevelt a esboçou na mensagem a Hitler. A proposito do discurso de Hitler, preconizou que os Estados Unidos «estudem no espirito de desinteresse as possibilidades duma nova discussão».

Declarou-se isolacionista, mas confessou que receava que os Estados Unidos não pudessem conservar-se fora duma guerra geral e prolongada. Afirmou que era «evidente» que as democracias sairiam vencedoras duma guerra contra os estados totalitarios e concluiu que não era utopia crer que a Conferencia Internacional poderia «evitar os perigos que se apresentam». —(Havas).

Política de oposição á agressão

WASHINGTON, 4.—Por ocasião da Semana da «Paz e Segurança», Daniel Roper, antigo secretario do Comercio, preconizou que os Estados Unidos se mantenham inabalavelmente fieis á «politica de oposição á agressão».

Harry Harriman, ex-presidente da camara de comercio dos Estados Unidos, defendeu a alteração da lei da neutralidade para permitir aos Estados Unidos venderam mercadorias, incluindo armas, a toda a nação que as pague e as transporte em seus navios, sob condição da «recusa de vender a toda a nação que tenha violado tratados com os Estados Unidos ou claramente definida como agressora».—(Havas).

Noticias diversas

Incidentes com polacos no Reich

VARSOVIA, 4.—A Imprensa polaca, assinala uma série de incidentes com polacos na Alemanha. Assim é que 10 polacos cidadãos alemães receberam ordem para deixar a zona fronteiriça e fixar as suas residencias no interior do país. Os polacos, cujas familias habitam na Prussia oriental, há 300 anos, receberam ordem para partir e tiveram os seus bens confiscados. A Imprensa assinala que grande numero de operarios agricolas polacos, que haviam partido para a Alemanha para trabalhar nos campos, foge agora para a Polonia, pois os seus patrões deminuem os seus salarios e já não lhes dão nada para comer.—(Havas).

Apelo á boicotagem na Polonia

VARSOVIA, 4—O Campo da União Nacional lançou um apelo a toda a população da Polonia, convidando-a a boicotar todos os jornais, periodicos e revistas alemães e a anular as assinaturas devido aos artigos tendenciosos e ás falsas noticias dirigidas contra a Polonia que a Imprensa alemã publicou depois do discurso de Hitler.—(Havas).

Eslovaco morto por uma patrulha hungara

BUDAPESTE, 4.—A agencia hungara anuncia que em 30 de abril, perto de Ajslucska (Hungria), uma patrulha hungara interpelou o eslovaco Joann Kaspar, morador em Necenseff, o qual procurou fugir. Depois das intimações de uso, a patrulha fez fogo e feriu-o mortalmente. Foi aberto um inquerito. —(Havas).

Vida desportiva

LISBOA-SEVILHA

Pela terceira vez a selecção de Lisboa defrontará o grupo representativo de Sevilha, em «football». Os sevilhanos conhecem a canstituição do «team» que os vai visitar. Não têm duvidas acêrca do seu valor.

Por isso tem-se treinado com o afinco de quem deseja portar-se briosamente — ganhando ou perdendo...

A selecção de Lisboa treinou apenas uma vez, nas Satesias, e mesmo assim incompleta. Mas José Simões já tinha constituido definitivamente o grupo — Azevedo; Simões e Galvão; Gaspar, Albino e Ferreira; Mourão, Soeiro, Espirito, Quaresma e Rafael.

Suplentes — *Martins, Vieira, Amaro e Cruz.*

Claro que não cabe neste momento qualquer critica á selecção — com representação dos mais importantes clubes lisboetas...

Acompanham a selecção os srs. Paulo Vieira, Jaime Guedes e José Caeiro. Jogadores e dirigentes partem amanhã de manhã, em autocarro, devendo chegar a Sevilha no mesmo dia á noite.

Que de recordações vai trazer aos portugueses este Lisboa-Sevilha!

CAMPEÃO DA 2.ª DIVISÃO

O Carcavelinhos ganhou o campeonato da 2.ª Divisão. Eis uma consolação para o facto do clube não ter tomado parte na disputa da primeira Divisão.

Mais uma vez se demonstra que ha infelicidades que servem a causa clubista. De fora da 1.ª Divisão o Carcavelinhos lutou com uma tenacidade invulgar para não se deixar sucumbir Lutou e venceu, não só com o auxilio dos jogadores e dirigentes como da propria massa associativa — que despertou, ao ver o seu clube açoitado pela desgraça...

O caso de Santarem foi eloquente. Mais de mil adeptos do clube lá estiveram, no campo Alfredo Aguiar. vibrando e sofrendo!

Fica provado que algumas vezes vale mais ser 1.ª numa competição inferior do que dos ultimos numa competição superior.

T. S.

NO SPORTING

Festas de aniversario

Realiza-se amanhã, no campo do Lisgás, pelas 21 horas, um festival de «basket» para disputa da taça «Dr. Eduardo Oliveira Martins» que faz parte do 33.º aniversario do Sporting Club de Portugal.

No sabado efectua-se, na sede a festa anual de gimnastica, com apresentação da classe de gimnastica infantil, feminina e aplicada. E no proximo domingo terá lugar um grande festival, no Estadio do Lumiar, com concursos de «volley-ball», atletismo, ciclismo e um grande encontro de «band-ball» entre o Sporting e o F. C. do Porto — dois campeões regionais.

SERÕES CULTURAIS

No Algés e Dafundo

Hoje, pelas 21 e 30, no Salão Stadium do Sport Algés e Dafundo, realiza uma conferencia subordinada ao tema «Lições dos Desportos», o sr. dr. Branco Pardal. E' o 14.º serão cultural que ali se realiza neste ano. A entrada é publica.

Precisa V. Ex.ª adquirir mobilias?
Visite os ESTABELECIMENTOS MATEUS e confrontem preços e qualidades.
Facilidades de pagamento.
156, R. de S. Lazaro, 172 — Tel. 4 0538

A CAMISA USADA PELOS ELEGANTES

Jantar Dançante
no Estoril Palacio Hotel

Amanhã realiza-se este costumado jantar dançante das sextas-feiras, no Palacio Hotel.

REX-BAR — Tel. 27391
Musica de Fabre

Quinta-feira

por Norberto de Araujo

Esquecidos

Não sabemos porquê, alguns homens eminentes das letras ou da politica — e tambas vezes politica e letras se conjugaram pelo espirito — andam quasi esquecidos.

Inteligencias brilhantes e masculas da literatura passaram episodicamente pela politica, que para eles não era uma profissão ou o natural desenvolvimento de uma escola, mas uma derivante intelectual, para a qual se sentiam atraidos, iluminados os planos pelo fulgor das suas proprias ideologias.

As desilusões vinham cedo, e depois eles desapareciam, recebida a lição ingloria.

Dentro do quadro do nacionalismo — que corresponde á consciencia do patriotismo — tambem as ideias, formuladas em doutrina e processos de acção, tiveram moda. Tiveram—e têm.

Dentro de um seculo, ha ciclos de uma ou mais decadas, dentro dos quais o amor á Nação e á causa publica floresce, segundo o clima.

Homens cujas ideias de 1930 se traduzem em nacionalismo pratico por um sistema, que se reputa o mais firme e corrente, se houvesse vivido em certo periodo do seculo XIX, teriam agido por uma maneira completamente oposta áquela por que agem agora.

E o patriotismo é o mesmo. A alma nacional palpita neles com igual febre. O clima, esse, é que era outro.

Nada mais injusto — tenho-o escrito dezenas de vezes — do que analisar a vida e obra dos homens que nos antecederam á luz do nosso ciclo.

E' esta a explicação do apedrejamento das estatuas.

* * *

Oliveira Martins é um dos homens esquecidos. A sua obra literaria, essa mesma, é citada só para ser combatida nos seus aspectos politicos e criticos. Admite-se que, dentro da sua propria epoca, Oliveira Martins errasse.

E' complexa a figura deste notavel pensador, acusado de pessimismo e derrotismo, ele, um dos mais robustos nacionalistas da segunda metade do seculo passado.

Chegou a roçar pelo socialismo. Isto, que a muitos parece hoje simplesmente hediondo, era, então, uma expressão de nobreza e de sinceridade, um homem de aguda visão, integrado nos problemas do tempo, e procurando-lhes uma solução ajustada ao seu conceito de um mundo melhor.

E' certo que o socialismo de 1870 estava longe do outro socialismo do seculo XX, e muito menos daquele surgido, em três escalas, depois de 1918. Mas era socialismo — rebelião de espiritos, e já então isso era grave.

O estudo da personalidade de Oliveira Martins, o retratista soberbo das figuras do Infante do seculo XV e o idealista generoso dos quadros sociais do seculo XIX — está por fazer, ou por compilar.

Que atirou o autor da «Teoria do socialismo» para a pratica oficinal das doutrinas?

Em 13 de outubro de 1878 propõe-se deputado (hoje dir-se-ia da extrema esquerda) pelo Porto com Nobre França, outro socialista puro, posto que de menos cultura e fundamento intelectual; alcança 50 votos apenas, e escreve: «as eleições do Porto provaram que havia 50 homens que a-pesar das influencias, e das tentações dos compradores de votos, souberam e quiseram guardar a sua honra e manter pura a sua dignidade».

Isto hoje seria subversivo ,e naqueles agitados anos já podia ser considerado provocador.

Era pois o militante de barricada. Antero de Quental dois anos depois, em igualdade de circunstancias, escreveu no mesmo teor febril.

Um ano depois — 19 de outubro de 1879 — Oliveira Martins voltou a tentar o assento no Parlamento pela classe operaria, com Cesar da Silva e Azedo Gneco, e obtem 32 votos.

Julgo que não protestou. Em 1880 Oliveira Martins voltava as costas á milicia socialista, e ingressava no quadro espiritual dos descrentes.

Mais que por suas ideias episodicas acêrca de iberismo, ou pelo rasgado dos seus pensamentos criticos, através do passado e do presente, tornados historia ou opusculo — Oliveira Martins anda esquecido por ter sido socialista.

Julgamos que, exactamente por isso, devia ser lembrado.

Nos homens mais politicos e austeros — ha um fundo de poesia, flor em humildade de toda a fé em qualquer ideia, de toda a esperança em qualquer conceito.

Se não escreveu versos, nem por isso deixou de ser poeta. Ainda na penultima decada do seu seculo ergue o pendão da Vida Nova — outra manifestação de uma alma pura, insatisfeita sempre, como Quental e Herculano, para receber nova desilusão.

Atravessa o ministerio Dias Ferreira, disposto como prosador viril, a enfrentar as realidades documentais. Ele talvez não falhasse; o momento é que falhou para ele. O poeta, porém, não foi vencido pela dôr, alimento da propria poesia; em 1887 apresentara o seu projecto de fomento rural: a cousa publica não deixara de o preocupar, e o cerebro, batido por desencontrados ventos, afirmava ainda na expressão oral e escrita um grande poder de convicção, um belo e nobilissimo entusiasmo de pensador nacionalista.

Pois vai esquecido Oliveira Martins. Cesar Nogueira reuniu ha dias alguns apontamentos para a sua biografia; hoje Bourbon e Meneses reporta-se á sua forte personalidade, de numerosas facetas, algumas das quais permanecem no encoberto. Ha semanas no «Diario de Lisboa» falou-se dessa notavel figura, que ajudou a preencher de beleza moral o ultimo quartel do seculo passado.

E' pouco.

A irregularidade ou o desnivel critico na apreciação das figuras dos ultimos vinte e cinco anos, dir-se-á que tem uma projecção regressa, e que leva a injustiça e a desproporção até aos ciclos intelectuais de 800, trocando as figuras de seus pedestais, e estabelecendo um juizo critico, dentro do qual o êrro dá braço á ingratidão.

Vejo, com frequencia, prestar-se mais justiça a um inimigo da Patria, que o foi pela fôrça das circunstancias, do que a muitos daqueles que a estremeceram, e por ela lutaram, sofreram, sucumbiram vencidos ou vencedores, que tudo é igual.

NORBERTO DE ARAUJO

TAUROMAQUIA

Domingo no Campo Pequeno toureia o extraordinario cavaleiro João Branco Nuncio

Na corrida de domingo figura entre outros elementos o nome de João Branco Nuncio o grande cavaleiro cuja apresentação nesta época esta sendo aguardada com o maior interesse.

Está assegurada a vinda do «novilheiro» Antonio Martin Rebertito. No entanto a empreza só abrirá a bilheteira quando tiver a noticia deste espada ter passado a fronteira.

PELICULAS FOTOGRAFICAS

As **VERITAS** são as melhores entre as melhores.

Experimenta-las é prefer-las.

Preços:

4x6,5	**rolo 5$30**	**— copia**	**$40**
6x9	**» 6$00**	**— »**	**$50**
6x11	**» 7$50**	**— »**	**$70**

A' venda em todas as casas da especialidade.

Representante para Portugal: **FOTOGRAFIA ACHILES** — Av. Almirante Reis, 1-1.º Andar — Lisboa.

Batalhão de Caçadores 7

Os recrutas do batalhão de Caçadores 7 ocuparam hoje o aquartelamento do antigo Grupo de Esquadrilhas de Aviação Republica, na Amadora, onde vão prosseguir a sua instrução,

A coluna saiu do Castelo de S. Jorge ás 8 e 30, sob o comando do sr capitão Benard Guedes, director da instrução e 2.º comandante daquela unidade, fazendo-se acompanhar de carros de bagagens e de munições e cozinhas rodadas.

No Castelo de S. Jorge, continua aquartelada parte do batalhão e o respectivo comando e serv ços dele dependentes.

RETIRO DA SEVERA Telefone **29638**

HOJE — Noite da Moda, com a exibição as 23 horas e a 1 hora, da querida e popular artista **HERMINIA SILVA** acompanhada por **Raul Nery** e **Miguel Ramos.** No programa: Adelina Ramos, Arminda Vidal, Alfredo Marceneiro. Filipe Pinto, José Porfirio, Jaime Santos e Santos Moreira. Entrada por pessoa 2$50 — Consumo obrigatorio por pessoa 2$50—Todos os dias Fados Novos.

CAFÉ MONDEGO Telef. 2 5676
Hoje: **Alcidia Rodrigues. Francisco dos Santos e Modesto Maia. Consumo 1$30.**

Manoel José Gonçalves

FALECEU

Maria da Conceição Gonçalves, Joaquim Manuel José **Gonçalves e sua esposa, Inacia Maria** Gonçalves, seu marido e filhos, Joaquim José Gonçalves, Maria Cesilia Gonçalves e mais familia, participam o falecimento do seu chorado marido, pai. irmão, sogro e avô e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 5, pelas 15 horas, da travessa da Alfarrobeira, 2, Cascais. para o cemiterio da Guia.

AGENCIA MAGNO

Manoel José Gonçalves

FALECEU

Manoel J. Gonçalves, L.ª participam o falecimento do seu socio Manoel José Gonçalves, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 5, pelas 15 horas, da travessa da Alfarrobeira, 2, em Cascais, para o cemiterio da Guia.

ARTUR CILIA

FALECEU

José Cilia e sua mulher, Candida Cilia, Carlos Cilia e sua mulher, Alfredo Cilia e Fernando Cilia, participam o falecimento de seu querido irmão, cunhado e tio, realizando-se o funeral amanhã, pelas 12,30 horas da Igreja dos Martires para o seu jazigo no Cemiterio do Alto de S. João.

AGENCIA BARATA

ARTUR CILIA

FALECEU

A Empresa Portuguesa de Gelo, Limitada, participa aos seus clientes e amigos o falecimento do seu presado socio-gerente, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 12 30 horas, da Igreja dos Martires para o seu jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

ARTUR CILIA

FALECEU

A Sociedade de Pesca «Polo Norte», Lda. participa aos seus amigos o falecimento do seu presado socio-gerente, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 12,30 horas, da Igreja dos Martires para o seu jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Domingas da Cunha de Lorena, D. Adalgisa Nogueira Pereira de Matos, D. Maria José de Barros de Costa Belmarço, D. Maria da Graça de Vasconcelos Guimarães de Lencastre, D. Berta Maria da Cunha e Meneses, D. Maria Flavia de Eça Leal, D. Maria Julia de Brito e Cunha de Avilez e Oliveira e D. Maria Ferraz Henriques.

NA COSTA DO SOL

No Palacio Hotel do Estoril

Como de costume, realiza-se na sexta-feira mais um jantar á americana, onde se reunem não só as familias estrangeiras que se encontram nos Estoris, como muitas senhoras da nossa primeira sociedade.

DIPLOMATAS

Na embaixada do Brasil

O embaixador do Brasil e a senhora Araujo Jorge ofereceram ontem, no palacio da embaixada, um jantar a grupo de pessoas da sociedade e do Corpo Diplomatico, no qual tomaram parte o ministro da China e a senhora William Lee; o ministro da Noruega; o encarregado de Negocios da Suiça e a senhora Redard; o encarregado de Negocios do Chile e a senhora Marió; Monsenhor Genaro Verolino, auditor da Nunciatura Apostolica; sr. François Panafieu, primeiro secretario da Legação da França; dr. Hans Dietrich Schmidt, adido á Legação da Alemanha; Celso Vargas e senhora; conde e condessa de Dampierre; Raymond Warnier e Pablo Reimundis e senhoras; e o secretario da embaixada do Brasil e senhora Thompson Flores.

DOENTES

Vinda expressamente de Gibraltar para ser operada de apendicite pelo sr. dr. Azevedo Gomes, chegou a Lisboa a sr.ª D. Lea Zagury Caséz

USE Michel E TERÁ LABIOS LINDOS

M.me Evelyn

Fará muito brevemente nova passagem de modelos, incluindo toilettes para termas e praias.

Av. Elias Garcia, 67, 3.º

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

Alunos alemães em Lisboa

Encontram-se desde ha dias em Lisboa, hospedados no Colegio Infante de Sagres, com o qual exercem intercambio, dezoito alunos de escolas de instrução secundaria da Alemanha, que vêm acompanhados pelo professor dr. Gustavo Schmidt.

Os excursinistas, acompanhados pelo sr. dr. Oliveira Guimarães, inspector geral do Ensino Particular do ministerio da Educação Nacional, dr. Manuel Silva Leal, director do Colegio de Infante de Sagres, e Norberto de Araujo, um dos directores do Grupo «Amigos de Lisboa», visitaram o Castelo de S. Jorge, a basilica da Estrela e os Arcos das Aguas Livres, e percorreram ainda, por seu expresso desejo, parte de Alfama, cujo pitoresco quiseram conhecer.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 5—S. Pio 5.º. Conversação de Santo Agostinho.

Lausperene, está na igreja de Ordem Terceira a Jesus, ás 8, missa de Paz; ás 17, mês de Maria.

Capela da Saude, ás 19, novena a Nossa Senhora da Saude, por musica.

TEATRO NACIONAL
Hoje, ás 9 e 45
Companhia Adelina-Aura Abranches
1. Representação
da comedia em 3 actos, de Carlos Gorcorchea e Rogelio Cordone, tradução de Avelino de Sousa e Mario Barros
UM CASO SERIO...
NOVO FIM DE FESTA

REX-BAR — Tel. 27391
O mais chic

Ovos para incubação
Todo o material avicola
Peça catalogos á
Agencia I. Representações
220--Rua da Madalena--224

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Entra hoje, no Politeama em segunda semana de exibição, «A Derrocada do Crime», filme que é uma extraordinaria revelação sobre os meios empregados pelas grandes quadrilhas de «gangsters», nos Estados Unidos, verdadeiro perigo publico, pois que não hesitam em matar seja quem fôr, envenenar o povo, assaltar bancos, aterrorizar cidades inteiras, fiados em cumplicidades extraordinarios, e na sua tragica coragem. Uma luta infernal de inteligencia e maquiavelismo estabelece-se entre a justiça e o crime, e assiste-se, então, a esta coisa extraordinaria—um homem, em que ninguem acredita, sem quaisquer recursos, consegue «A Derrocada do Crime».

Um recital de Francis

Francis, que regressou ha pouco da America do Sul, traz-nos uma nova mensagem coreografica de beleza. O artista, que emitiu a musica popular portuguesa, nos ritmos mais caracteristicos de cada região, e que depois, criou, em assombros de graça e requintes de elegancia, as

FRANCIS e RUTH

mais belas expressões da dansa moderna — vai reaparecer, no proximo dia 12, no palco do Trindade, num espectaculo de arte, que vai constituir, porventura, o apogeu da sua brilhante carreira. Ao lado dalgumas das mais belas interpretações do folclore nacional, como que criadas pela alegria ingenua dos oleiros, na sua graça rustica, Francis vai passar, em revista, numa parada deslumbrante, toda a poesia lirica do Brasil, nas suas mais sugestivas expressões de dança. Lindissimas musicas de compositores da America do Sul, como Vilalobos, Frutuoso Viana, Waldemar Henriques, e outros serão modeladas por Francis, na sua arte peregrina, rutilante de imagens e de figuras de tão maravilhosa estatuaria.

O brilhante artista depois deste espectaculo seguirá para Nova York, onde realizará, no Teatro da Exposição Universal, um grande recital.

Atrás do reposteiro

Na comedia «O Principe Herdeiro», que depois de amanhã se estreia no Trindade, a actriz Maria Helena, que a adaptou á cena portuguesa, vai interpretar no papel de «Maria da Graça» a figura jovem duma neta, ao lado de José Gambôa, no papel de «Dr. Ricardo Fernandes», as duas mocidades da obra de Julio Sanches Garcia, distinto escritor argentino.

— Realiza-se amanhã, no Trindade, com um grande programa, já anunciado, o festival a favor da Associação dos Diabeticos Pobres.

— E' no sabado, como noticiámos, que se realiza a estreia, no Apolo, da revista «Lá vai Lisboa!», com varias novidades, entre elas um engraçado numero, chefiado por Carmencita Aubert, no qual todas as «girls» se apresentam tocando pifaro.

— Os ensaios do Teatro do Povo, sob a direcção do actor Francisco Ribeiro (Ribeirinho), começam no dia 15 do corrente, pelo que este artista termina amanhã o seu contrato na companhia Maria Matos.

— E' provavel que a revista alentejana «Palhas e Moinhas», ultimamente representada no Gimnasio, seja exibida nalgumas cidades do Norte do país.

— Exilados de Espanha, por motivo da guerra, estão ainda seiscentos comediantes, que faziam parte de diversas companhias e dos quais se encontra em França a sua maioria.

— A revista de «Esculapio» e «Odracir», já censurada, «Viva a Pandega!», terá de sofrer algumas alterações antes de começar a ser ensaiada no Coliseu.

— Aguarda-se uma resposta, vinda do Rio de Janeiro, a-fim-de se dar começo aos trabalhos duma temporada de revistas que se projecta realizar num dos teatros de Lisboa.

— O ensaiador Rosa Mateus terá o encargo de representar a Sociedade de Autores Portugueses durante a «tournée» ao Brasil, da companhia Beatriz Costa.

— As figuras femininas da peça «Consciencia», de Ramada Curto, em ensaios no Avenida, vão ser interpretadas pelas actrizes Palmira Bastos, Brunilde Judice, Irene Izidro, Elvira Velez e Aurora Celeste.

— A empresa Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro fez-se representar no funeral de Lino Ferreira pelo seu secretario sr. Fernando Augusto.

«O Segredo da Ilha do Tesouro», no Coliseu dos Recreios

«O Segredo da Ilha do Tesouro» que ontem se estreou naquela popular casa de espectaculos, com uma casa cheia, é um filme que empolga o publico mantendo-o num estado permanente de ansiedade e emoção. O entrecho é martelante e os herois atravessam verdadeiros perigos. Na «Ilha do Terror» vive um homem chamado Caster Collins, que procura avidamente descobrir os tesouros ali escondidos pelos piratas dos mares. O seu primeiro cuidado é fazer prisioneiros todos quantos se aproximam da sua ilha. Tani Manrel, porém, recebe dum marinheiro moribundo o fragmento dum mapa que indica o local onde estão esses tesouros. Trava-se uma terrivel luta entre os dois. São eles os herois de inumeras aventuras cheias de perigos e audacia. Collins serve-se de todos os meios para inutilizar os adversarios, desde o punhal á dinamite. Todavia, os seus inimigos, saem quasi sempre ilesos.

Impressionantes as erupções dum vulcão que constitue um espectaculo deveras emocionante. Por fim, Collins e os seus sequazes morrem sob as lavas da cratera quando se encontram já ao pé do almejado tesouro. Toni e Kant salvam-se milagrosamente de ficar soterrados.

A assistencia aplaudiu, por vezes, algumas cenas desempenhadas com tanta naturalidade que nos dão uma impressão real — *Visor 40.*

O grande sucesso hoje, no Coliseu e a «matinée» de amanhã

Nas primeiras 16 partes do gigantesco filme «O Segredo da Ilha do Tesouro», estreado ontem, no Coliseu, não ha um unico momento que não seja de puro interesse. Desde o vulcão ameaçador ás cenas de pancadaria, a vida nas trevas, as fugas para o mar e as pancadas sinistras do «gong», tudo neste filme é de emocionar. Por isso o publico o prefere. Preços baratissimos. Sabado: «matinée».

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Um caso serio...».
AVENIDA—A's 21 e 45—«A vida é assim...».
TRINDADE—A's 21 e 45—«A Fidalga de Arronches».
MARIA VITORIA — A's 21 e ás 23 — «Cacho Doirado».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e 23.—«Eh, real!»

CINEMAS

S. LUIS—A's 21 e 15.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
POLITEAMA — A's 21 e 30.
CENTRAL—A's 21 e 15.
COLISEU — A's 21 e 30.
CONDES—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
ODEON—A's 21 e 15.
CAPITOLIO—A's 21.
PALACIO—A's 21 e 30.
ROYAL—A's 21.
REX—A's 21.
JARDIM CINEMA—Domingos e 5.as feiras.

PROGRAMAS DE HOJE

São Luiz — HOJE—A's 21 e 30 Tel. 21172 — A cidadela — uma super-produção de King Vidor com Robert Donat e Rosalind Russell — Audioscopicos 1939 (cinema em relevo)

CENTRAL — TEL 24381 — Telef. 24381—A s 21 e 30 — 3.ª SEMANA — GUNGA DIN — com Gary Grant, Victor Mc. Laglen e Douglas Fairbanks Jr.

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6283 — Doida por musica — super-produção musical
PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163 — com DEANNA DURBIN, Herbert Marshall, Gail Patrick e Arthur Treacher

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21 — BOCACIO — Boca sonhadora

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 5 0595 — Os Filhos do Juiz Hardy — com Mickey Rooney, Lewis Stone e Cecilia Parker

POLITEAMA — A's 21 e 30 — Telef. 26305 — A derrocada do crime — filme policial e gangsters com Edward Robinson

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 — O Corsário Lafite — A Estrela do "Vanities"

PARIS — A's 21 horas — Virgem louca — A garota de Fernandel

LYS — Tel. 48560 — Aldeia da Roupa Branca — O Sul ão e a Donzela

EDEN — 2.ª semana — Reporters á prova de fogo — A's 21 e 30 — Telef. 2 0768 — um filme de Van Dyke com Clark Gable e Mirna Loy

CONDES — A's 21 e 30 — Telef. 2 2523 — Marido contratado — com o popularissimo comico Jorge Milton (Bouboule)

CAPITOLIO — Telef. 2 7493 A's 21 — Melodia encantada — Revoltada

TERRASSE — Tel. 2 9017 — Uma francesinha em New-York — O Espelho da Vida

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — Primavera

AVENIDA — Hoje: A's 9,45 horas — A comedia gloriosa de Lisboa — A VIDA É ASSIM... — Original de RUY CORREIA LEITE — Protagonista PALMIRA BASTOS — Notavel realisação dos artistas da Companhia Teatral Portuguesa

ATE' DOMINGO — As ultimas da Revista — EH! REAL! — despedidas da vedeta — Beatriz Costa — A Preços Popularissimos

TRINDADE — Hoje: A's 9,45 horas — ULTIMAS DA COMEDIA — A Fidalga de Arronches — Amanhã: Festa a favor dos Diabeticos Pobres — Sabado 6 — A's 9,45 — Estreia de O PRINCIPE HERDEIRO — Comedia adaptada por Maria Helena

O dr. Armindo Monteiro

entregou hoje ao rei Jorge VI a banda das três ordens

LONDRES, 4.— O embaixador de Portugal, sr. dr. Armindo Monteiro, foi esta manhã recebido em audiencia especial por Jorge VI, a quem entregou, em nome do Presidente da Republica Portuguesa, a banda das três ordens portuguesas, com que foi agraciado, como testemunha da inquebrantavel e indissoluvel aliança secular anglo-portuguesa.

O rei Jorge VI, ao receber das mãos do sr. dr. Armindo Monteiro as insignias, afirmou que era com a maior satisfação e alegria que recebia a mais alta condecoração que lhe concedera o Presidente da Republica Portuguesa, que servia para demonstrar uma vez mais os laços de sincera amizade que unem Portugal á Grã-Bretanha, cuja aliança continuará cada vez mais forte através de todos os tempos.

O rei da Inglaterra manifestou tambem ao embaixador de Portugal a sua admiração sincera pelo sr. general Carmona e pelo presidente do Conselho, sr. dr. Oliveira Salazar, e a profunda simpatia que tem pelo nobre e valente povo português.

Nos meios politicos britanicos liga-se a maior importancia a este acontecimento, que é bastante significativo nas actuais circunstancias internacionais, em que Portugal afirma que sempre esteve e está ao lado da Inglaterra.— (United Press).

A entrevista que Chamberlain teve ontem com o dr. Armindo Monteiro

LONDRES, 4.— O redactor diplomatico do «Daily Telegraph» liga grande importancia á entrevista que o embaixador de Portugal teve ontem com Chamberlain e Halifax, depois de ter conferenciado no «Foreign Office» com Sir George Mounsy, acêrca da entrega das insignias ao rei Jorge VI da banda das três ordens.— (United Press).

CONTINUAM EM INGLATERRA

os atentados bombistas

LONDRES, 4—De manhã cedo deu-se uma explosão no bairro de Euston. A bomba estalou em frente duma casa de automoveis, que ficou com os vidros partidos. Durante a noite houve três explosões na cidade de Coventry—ou seja um total de cinco explosões provocadas pelos terroristas na Grã-Bretanha desde ontem á noite. Em Coventry a primeira bomba fez estragos consideraveis nas montras duma loja de moveis. A outra, mais violenta que a primeira, estalou numa sala de vendas da companhia do gás. A terceira rebentou á porta de uma loja, exactamente no momento em que três policias tentavam evitar que explodisse. Nenhum dos policias ficou ferido. A Policia evitou que explodisse uma bomba em Tottenham Court Road. A explosão no bairro de Euston provocou uma comoção a uma rapariga. Em Charing Cross Road estalou uma bomba ás 9 e 15, que feriu duas pessoas.—(Havas).

A DESCENDENCIA

de Pedro Alvares Cabral

O sr. D. Vasco Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte) escreve-nos a dizer que a representação de Pedro Alvares Cabral se encontra há muitos anos na casa Belmonte, contestando que o filho do actual conde de Castelo Melhor, D João Brum da Silveira de Vasconcelos e Sousa, seja o representante directo do grande navegador.

Resta-nos esclarecer o sr. Vasco Belmonte e os nossos leitores de que a nossa afirmação se baseou num trabalho de Julio Manuel cuja competencia na materia é geralmente reconhecida e a que deu publicidade o nosso prezado colega «O Jornal do Comercio e das Colonias».

MORTO NO HOSPITAL

Faleceu no Hospital dos Capuchos Julio Antunes, de 30 anos, de Vila Franca de Xira, aquele empregado comercial que ha dias, em motocicleta, foi chocar com as cancelas da passagem de nivel de Vila Franca, ficando muito mal ferido.

AVIZ HOTEL

No sabado 6, realiza-se o ultimo Chá-Dancing-Mah-Jong-Bridge da estação, sob a direcção de Armando da Camara Rodrigues.

Parte da receita será entregue para o fundo da Assistencia Nacional aos Tuberculosos

As poucas mesas que restam podem ser requisitadas pelos telefones nos 48101 a 48103.

A ALDEIA MAIS PORTUGUESA

Monsanto vestiu-se de galas

para receber o «Galo de Prata»

(Do nosso enviado especial)

MONSANTO, 4.—«Nenhum português deve morrer sem visitar Monsanto»—escrevemos nós em junho de 1929, quando viemos pela primeira vez a esta aldeia de pedra, sentinela vigilante e invencivel da nossa independencia, que domina o largo territorio espanhol em que se destaca a serra da Gata, divisoria das provincias de Salamanca e Caceres. E o mesmo dizemos hoje quando Monsanto, orgulhosa do seu «Galo de Prata» a apontar a todos como a «aldeia mais portuguesa» é lugar preferido pelos turistas nacionais e começa a ser pelos estrangeiros. E' que o turismo ainda não conseguiu estragá-la, nem por certo conseguirá, pois, além da dedicação de muitos, Monsanto tem para defender a sua personalidade unica a grandiosidade casada com a simplicidade das suas casas, dos seus cantares, dos seus habitantes, dos seus costumes e até das suas ruinas. Aqui tudo é solido, verdadeiro, duradouro, resistindo aos ataques do homem com as inclemencias da Natureza.

Antes da cerimonia solene na Torre de Lucarno, em que falou com beleza e equilibrio notaveis o chefe dos Serviços Centrais do S. P. N., sr. dr. José Alvélos, começaram as lindas e seculares festas de 3 de maio, em honra de Nossa Senhora do Castelo, simultaneamente catolicos e nacionalistas, pois nelas se comemora tambem a data culminante da resistencia de Monsanto aos invasores.

Houve missa rezada pelo prior José Augusto Ribeiro, que falou aos milhares de romeiros que enchiam, com as côres dos trajos das mulheres e suas mantas, e com a sua animação, o largo fronteiro e as ruas vizinhas. Seguiu-se um farto almôço, sob os Penedos Juntos, dominando uma extensão admiravel em cujo fundo brilhavam, ao sol, os cumes nevados da Serra da Estrela. E dali, enquanto contingentes da Legião e da Mocidade, masculinos e femininos, punham nas ruas a nota moderna do seu nacionalismo dinamico, dirigimo-nos para Aldeia Velha e assistimos a um espectaculo inolvidavel!

Aqui e ali, de dez em dez metros, ou de vinte em vinte, como nas procissões de Sevilha, havia uma paragem para escutar, não uma «salta» oportuna, mas um rimance com sabor de seculos. Desde a canção que se elevava aos ares dum alpendre onde, simbolicamente, uma mulher embalava um berço, até á da desfolhada, do espadelar e do fiar do linho, ás das ceifeiras, acompanhadas dos namorados, e á da encomendação dos mortos num alto sobranceiro ao cemiterio, que impressiona pelo seu sentimento e sua verdade. E ,tambem como na Semana Santa de Sevilha, houve versos alusivos ao momento que passa.

Depois do descobrimento do «Galo de Prata», que, além do seu valôr intrinseco e moral, tem para Monsanto o da esperança na realização do mais apetecido melhoramento, isto é, o da estrada para Castelo Branco, realizou-se o lançamento, do alto do astelo, dos Cantaros da Abundancia, que vimos rolando até ficarem escaqueirados nos rochedos, enquanto lá em cima o povo cantava e bailava...

Como para fechar esta serie de festas adoraveis, que de ano para ano certamente irão tendo, se não mais beleza, pelo menos mais concorrencia, houve no lar do presidente da Junta de Freguesia de Monsanto, sr. dr. Antonio Barbosa Campos, uma fidalga recepção. Além dos donos da casa e dos visitantes, estiveram ali, como em todos os festejos, os srs. dr. José Ribeiro Cardoso, presidente da Junta da Provincia da Beira Baixa; Antonio Pinto Castelo Branco, governador civil; Antonio Rodrigues Cardoso, director da «Beira Baixa» (antes «Era Nova»), que foi mestre do nosso querido director; dr. Adrião Preto, presidente da Camara de Idanha-a-Nova; dr. José Faria Trindade e Antonio Almeida Castigo.

Em discurso sentido, que a assistencia aplaudiu vibrantemente, foram lembrados os nomes dos presentes que contribuiram para a consagração desta terra que, umas vezes cidade, outras vila e ainda outras aldeia, nunca perdeu o seu caracter e a sua beleza. Dos ausentes tambem se falou, do dr. Jaime Lopes Dias, o apaixonado servidor da Beira Baixa; de Antonio Ferro, que teve a ideia do concurso, e do dr. Oliveira Salazar, que tornou possivel esta formosa iniciativa.

FELIX CORREIA

Roubo de casacos de peles

Os gatunos entraram há dias num armazem de roupas e calçado da rua dos Sapateiros, donde furtaram 4 casacos de peles e 2.000$00 em dinheiro. Um agente da P. I. C. procedeu a investigações e a breve trecho prendia Antonio Augusto, David Pereira Gomes, José Candido e Palmira de Jesus, que confessaram o crime. Os casacos foram apreendidos, mas o dinheiro já tinha «voado».

Foi assinado o contrato

para a construção da «Nau Portugal»

O sr. Manuel Maria Bolaes Monica, proprietario dos estaleiros da Gafanha, em Aveiro, que já herdou de seu pai, assinou contrato para a construção da «Nau Portugal» que vai figurar na Exposição do Mundo Português e que deve estar concluida no final do corrente ano. Trata-se dum verdadeiro navio, que terá condições de perfeita navegabilidade, de modo a poder fazer a projectada viagem ao Brasil, e, possivelmente, outras viagens. Terá 41 metros de comprimento, 11 metros de largura a vante e 13 na pôpa.

Nos estaleiros da Gafanha será apenas construida a armação, o aparelho e o casco da nau, que reproduzirá rigorosamente o tipo dos navios que faziam o comercio da India. A decoração será feita depois em Lisboa.

Os desenhos para a construção da «Nau Portugal» foram executados no Arsenal de Marinha, segundo os documentos que se conhecem da arquitectura naval do seculo XVI. Será, portanto, uma reconstituição tanto quanto possivel exacta dos navios que em quinhentos sulcavam os mares da India com a bandeira das quinas no tope dos mastros.

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES
Rua S. Justa 105 - T. 27527

Arte de furtar

Dois «vigaristas»

ludibriaram-se um ao outro com um negocio de notas falsas

A historia começa no Limoeiro. Quando o José Sequeira ali esteve preso, em virtude de ter roubado um cordão de ouro a uma pobre criada de servir que se deixou embalar pela sua loquela amorosa, conheceu varios «vigaristas» de mais ou menos tomo, que parecem tê-lo industriado nas suas artes. Uma vez em liberdade, o José Sequeira encontrou-se com alguns dos seus antigos companheiros do carcere. E' possivel que o Sequeira se queixasse das dificuldades da vida. Nem sempre aparece uma servilheta com cordões de ouro.

— Queres ganhar muito dinheiro com pouco trabalho? — teria inquirido um deles.

O Sequeira não ouviu segunda vez. Disse logo que sim. E o outro:

— Estou em negociações com o representante duma fabrica de notas falsas. São dum acabamento exemplar. Não queres tu passar algumas?

O gatuno ficou encantado com a risonha perspectiva do seu futuro. Foi, imediatamente, procurar um rapaz do seu conhecimento, de nome João Augusto, a quem propôs o primeiro «negocio». Vendia-lhe oito contos de notas falsas por dois das verdadeiras. O João Augusto ficou radiante. Um pau por um olho!

Combinaram, então, fazer a «operação bancaria», no Campo de Santana, que é bastante vasto e pouco concorrido.

Os agentes Anibal Costa e Luciano fôram, porém, informados do que se planeava. Puseram-se de atalaia, e ontem, seriam 14 horas, chegava o José Sequeira com um pequeno rôlo, sentando-se despreocupadamente num banco. Momentos depois, chegava o João Augusto, que ia adquirir as notas falsas, conforme o combinado. Não se demoraram muito no local. Ambos tinham pressa. Levantaram-se e, por um dedalo de ruas e becos, de pouco movimento, seguiram para o Arieiro, levando na pista os dois agentes, que a-pesar da caminhada não abandonaram um instante que fôsse a preciosa «caça». Depois de hora e meia de passeio, os dois vigaristas chegaram ao apeadeiro do Arieiro. Os agentes meteram-se numa escada a observar o que se passava. Não se sabe bem porquê, o José Sequeira, que, no Campo de Santana, tinha na mão um rôlo de papeis, fizera-o desaparecer, durante o trajecto.

Reconstituiu-se depois que ele levara o outro até ali, dizendo-lhe que a fabrica de notas falsas era nas imediações. A certa altura deve-lhe ter dito que esperasse um instante, porque ia á «oficina» buscar as notas. O João Augusto assim fez. Quando o Sequeira voltou mostrou-lhe o rôlo, num gesto de jubilo, o tal rôlo que já trazia na algibeira. A troca foi rapida. O José Sequeira assim que se apanhou com o envalope, que continha os dois mil escudos de notas verdadeiras, despediu-se, transpondo, rapidamente, as cancelas do caminho de ferro. Os agentes aproximaram-se, e prenderam-nos, não sem que eles se mostrassem surpreendidos. Conduzidos á esquadra, os dois vigaristas caíram das nuvens. O envelope, em vez de notas do banco, continha só papeis; e o famoso rôlo, um lenço velho, de enrolar ao pescoço. Tinham-se enganado um ao outro.

Deus os fez, Deus os juntou! Em calabouços separados estão agora, no Torel, talvez a meditar outro grande «negocio».

Fogo posto?

Na rua Manuel Bernardes, 43, 3.º, residencia do sr. Bernardino Leitão, declarou-se hoje incendio que consumiu parte do soalho e algumas roupas e que foi extinto pelos bombeiros da 1.ª companhia de Sapadores com auxilio de bombinhas portateis.

Supõe-se que o fogo foi lançado propositadamente por uma hospeda de nome Teresa Maria Leitão, que hoje fôra intimada judicialmente a abandonar o quarto que ali ocupava. A Policia procede a averiguações.

48 mortos num naufragio

TOQUIO, 4 — Voltou-se um barco que transportava 40 mineiros no rio Yosneshiro, Prefeitura de Akita. Julga-se que morreram todos afogados. Já foram recolhidos 12 cadaveres. — (United Press).

O vosso receptor é antiquado? ou funciona mal?

Faça a troca por um famoso

Supersom

Reprodução fiel de todos os sons

Rua da Conceição, 35-1.º

NAVIOS DE GUERRA ESTRANGEIROS

O almirante da esquadra francesa surta no Tejo

depôs um ramo de flores no monumento aos Mortos da Guerra e ofereceu uma palma de bronze para o tumulo do Soldado Desconhecido

Os contingentes em continencia ao monumento durante a cerimonia

A Armada francesa, representada pelas equipagens dos seus couraçados «Dunquerque» e «Strasbourg», surtos no Tejo, prestou esta manhã homenagem aos portugueses mortos na Grande Guerra, junto do respectivo monumento na avenida da Liberdade.

A cerimonia estava marcada para as 11 e 30, mas meia hora antes já se via pelos passeios centrais da avenida uma multidão de alguns milhares de pessoas, contida por cordões de policia. Junto ao monumento, agruparam-se antigos combatentes franceses e portugueses, aqueles com o seu estandarte, bem como numerosos membros da colonia daquele país e centenas de crianças das escolas francesas de Lisboa.

Pouco depois das 11 horas, começaram a chegar as entidades oficiais: o sr. almirante Botelho de Sousa, chefe do Estado Maior Naval, em representação da Armada Portuguesa; o sr. brigadeiro Monteiro de Barros, governador militar de Lisboa, pelo Exercito; o sr. dr. João de Mendonça, pelo ministerio dos Negocios Estrangeiros, e os srs. general Joaquim Malheiro; general Daniel de Sousa com a direcção da Liga dos Combatentes; capitães de mar e guerra Afonso de Carvalho, comandante do aviso «Afonso de Albuquerque» e Correia Pereira, comandante da Flotilha Ligeira; capitão de fragata Pais do Amaral, major Luiz Santana, que dirigia a cerimonia, e muitos outros oficiais da Armada e do Exercito, bem como representantes da União dos Invalidos da Guerra.

Entretanto, formavam em frente do monumento um contingente de desembarque da esquadra francesa, com banda de musica, e contingentes da Armada e do Exercito portugueses, com bandeiras e bandas de musica.

A's 11 e 30 horas, chegaram em dois automoveis os srs. ministro da França, almirante Gensoul, os comandantes dos couraçados e o capitão Colbert, adido militar francês, os quais foram recebidos e saudados por todos os presentes.

Portugal e a França foram alvo de grandes aclamações

Coadjuvado pelos seus ajudantes, o almirante Gensoul subiu então á base do monumento, onde depôs, primeiramente, um lindo ramo de rosas, e depois, uma artistica palma de bronze, destinada ao tumulo do Soldado Desconhecido.

Nêsse momento, as forças em parada prestaram continencia, as bandeiras abateram-se e a banda da nossa Armada rompeu com os acordes da «Marselhesa». A seguir, a banda do «Dunquerque» tocou a «Portuguesa» ouvindo-se então os toques de «á vontade».

Produziu-se nêsse momento uma grande manifestação. Os nomes de Portugal e da França foram vitoriados por milhares de pessoas, enquanto as crianças das escolas francesas, agitando pequenas bandeiras das duas nações, soltavam «vivas» aos srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, secundados tambem com grande entusiasmo.

No momento em que os marinheiros franceses prestaram continencia aos mortos diante do monumento, ouviram-se grandes salvas de palmas e «vivas» aos dois paises. O elemento oficial assistia ao desfile na placa do monumento.

Terminada a manifestação, deu-se ordem para começar o desfile das fôrças. O contingente francês, ao qual competia o lugar de honra, tomou posição evolucionando rapidamente com a banda á frente.

A's 11 e 40 os clarins franceses romperam com uma marcha de guerra, acompanhados pela banda do «Dunquerque», e as forças iniciaram a marcha avenida abaixo, por entre alas compactas de populares.

Durante o desfile produziram-se novas manifestações

Quando começou a passar o contingente da nossa Armada, os antigos combatentes franceses, acenando com os chapeus, gritaram em unisono:

—Viva a Marinha de Guerra Portuguesa!

Novos aplausos secundaram esta manifestação e as salvas de palmas ecoaram pela avenida até á praça dos Restauradores.

Passaram depois os nossos soldados. E os combatentes gritaram:

—Viva o Exercito Português!

Outra prolongada salva de palmas acompanhada de um clamôr de ovações secundou esta nova manifestação.

Terminado o desfile, o almirante Gensoul, acompanhado pelo ministro da França, agrupou com os antigos combatentes franceses e portugueses e passou revista ás crianças das escolas francesas de Lisboa, que o vitoriaram entusiasticamente.

Durante o percurso pelas ruas da Beixa as fôrças francesas e portuguesas foram ainda muito aclamadas.

Antes do almirante Gensoul tomar lugar no seu automovel, os srs. almirante Botelho de Sousa, brigadeiro Monteiro de Barros e dr. João de Mendonça agradeceram-lhe a homenagem que a Armada da França acabava de prestar aos portugueses mortos na Grande Guerra.

O ministro da Marinha almoçou na legação da França com o almirante Gensoul

O sr. Amé Leroy, ministro da França, e sua esposa ofereceram hoje, na legação, um almoço em honra das armadas portuguesa e francesa, para festejar a visita ao Tejo dos couraçados «Dunquerque» e «Strasbourg».

Assistiram os srs. ministro da Marinha, almirantes Mata Oliveira e Botelho de Sousa; embaixador Teixeira de Sampaio; almirante Gensoul; capitão de mar e guerra Francisco Luiz Rebelo, os comandantes dos dois couraçados e alguns dos seus oficiais; capitão-tenente Quintanilha de Mendonça; consul da França, capitão Colbert, adido militar francês, etc.

A' hora a que se efectuava este almoço houve um outro em honra de diversos oficiais dos couraçados, no «Foyer» dos antigos combatentes franceses e belgas. Houve tambem uma recepção na Camara do Comercio Francesa, á qual concorreram numerosos convidados.

Os couraçados, que deviam largar esta tarde do Tejo, partirão amanhã, de manhã, para as costas de Marrocos francês.

A esquadra alemã chega depois de amanhã ao Tejo

Vinda dos portos do sul da Espanha, entra depois de amanhã, de manhã, no Tejo uma importante fracção da esquadra alemã em cruzeiro pelas aguas da Peninsula.

Os navios atracarão, uns á muralha exterior e outros dentro da doca de Alcantara. No dia da chegada, o almirante Bohem, comandante da esquadra, será recebido pelo sr. ministro da Marinha e pelo major general da Armada.

A's 16 horas dêsse dia, o almirante dá uma recepção a bordo do couraçado «Admiral Graf Spee», em honra da Imprensa portuguesa e estrangeira.

O LISBOA-SEVILHA

A selecção andaluza treinou ontem

e espera ganhar o desafio

SEVILHA, 4. — Continua a despertar o maior entusiasmo o encontro de «football» entre as selecções representativas de Sevilha e Lisboa, que se realiza no domingo proximo.

A Federação Regional do Sul, no intuito de opôr ao agrupamento lisboeta a mais forte selecção sevilhana, determinou que se realizasse ontem no estadio de Nervion mais um encontro entre as «équipes» A e B, que terminou com a vitoria da primeira por 6 a 2.

O intenso treino a que fôram submetidos os jogadores melhorou a sua forma, a resistencia e qualidade do jogo. Ambas as «équipes» actuaram com grande rapidez e fizeram esplendido jogo.

Depois do desafio de ontem fôram seleccionados para fazer parte da «équipe» sevilhana os seguintes jogadores

Guardas-rêdes: Guillamon e Bueno; *Defesas:* Joaquim, Villalonga e Telechia; *Médios:* Peral, Segura, Loóncito, Alcazar e Mateos; *Avançados:* Lopez, Torrontegui, Campanal, Raimundo, Saro, Paquirri e Pepillo.

Destes 17 jogadores será escolhido o «onze» que disputará o III Sevilha-Lisboa, juntamente com o magnifico trofeu oferecido pelo «Ayuntamiento» de Sevilha.

Depois do jogo de ontem, tanto o seleccionador espanhol como os tecnicos declararam que a «équipe» de Sevilha pode esperar com a maior confiança a visita do agrupamento português.

A Federação Regional do Sul enviou uma delegação a Badajoz para receber os jogadores lisboetas, dar-lhes as boas vindas e acompanhá-los depois até Sevilha. Nesta cidade estão a preparar-se activamente varios actos de homenagem em honra dos jogadores que constituem a selecção de Lisboa.

Fôram organizados comboios especiais em toda a Andaluzia, de maneira que possa assistir ao sensacional encontro o maior numero possivel de andaluzes. — (U. P.).

Aos srs. oficiais, sargentos, marinheiros e amigos da Marinha

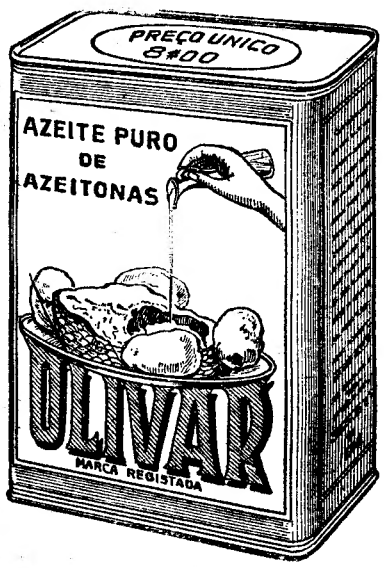
Comunica-se que ontem, «Dia da Marinha», foi posto á venda um novo e sugestivo livro de Mauricio de Oliveira, intitulado «Allô! Allô! Patrão Lopes», contendo os grandes episodios da acidentada vida deste navio de salvação desde a sua fuga de Gibraltar, ao declarar-se a Grande Guerra, quando ainda era alemão.

Pedidos á Parceria Antonio Maria Pereira, rua Augusta, Lisboa.

REX-BAR — Tel. 27391
O mais animado

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:
AIRES DE CARVALHO, L.DA
Rua José Falcão, 177 - PÔRTO — Telef. 7732

Atum em Azeite ?!
PURO DE OLIVEIRA
Só TENORIO...
Recomendavel tambem aos debilitados



A' venda nos melhores estabelecimentos
Deposito geral:
Eugenio Gonzalez & C.ª (Filho)
R. dos Bacalhoeiros, 8 a 20 — Tel. 22244

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma, 268—Lisboa

Semana CHAMPION

De 1 a 7 de Maio

TODOS OS AUTOMOBILISTAS

SABEM QUE PAGAM UMA CONTRIBUIÇÃO NA GAZOLINA, MAS MUITOS IGNORAM QUE ESTÃO A PAGAR UMA CONTRIBUIÇÃO EXTRA POR USAREM VELAS QUE JÁ DEVIAM TER SIDO SUBSTITUIDAS!...

A PRATICA DEMONSTRA QUE DEPOIS DE 15.000 Kms. DE SERVIÇO, QUALQUER VELA FAZ AUMENTAR O CONSUMO DE GAZOLINA. ACABE COM ÊSSE CONSUMO INÚTIL, INSTALANDO DURANTE A

SEMANA CHAMPION

UM NOVO JOGO DE VELAS CHAMPION QUE, ALÉM DA ECONOMIA EM COMBUSTÍVEL, ASSEGURAM MAIOR ENERGIA DO MOTOR, ACELERAÇÃO MAIS RÁPIDA E MELHOR RENDIMENTO.

A VENDA EM TODO O PAIS NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

TELEGRAMAS BOANEMAL — TELEFONES
C. Santos L.da
RUA DO CRUCIFIXO 57 LISBOA

CALOS, MALES DE PÉS

BANIDOS
para sempre
ou nada a pagar

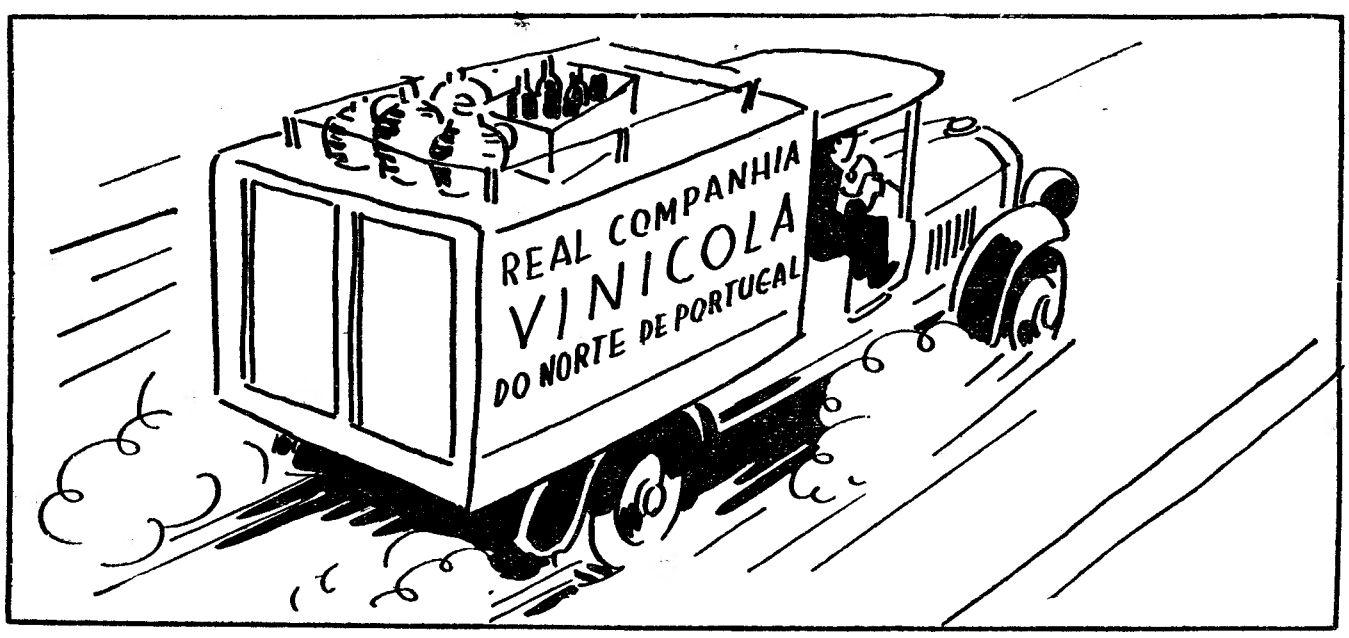
Para acabar com os calos e males de pés, para recobrar a alegria de viver e de andar, aproveite esta oferta leal:

Meta os seus pés num banho de água quente «vitalizada» com um punhado de Saltratos Rodel. Imediatamente a inflamação, a fadiga e as dôres desaparecem. A inchação e comichão cessam. Os calos deixam de latejar. Que sensação de bem-estar! No dia seguinte, ao segundo banho, os calos amolecem de tal maneira que se podem fazer saltar com os dedos com raiz e tudo. Os seus pés ficarão aliviados — rejuvenescidos — com estes banhos de aspecto leitoso e completamente carregados de «Biogène» (oxigénio nascente).

Visto a grande confiança que temos na acção dos Saltratos Rodel, oferecemos a devolução do dinheiro a quem não ficar satisfeito. À venda nas farmácias e drogarias.

Leia o Século **fixo**

PASTAS
e CARTEIRAS
Fabricante Rua Madalena, 97-s/loja



Vinhos de mesa, do Porto, quinados, espumantes naturais, aguardentes, vermutes e vinagres. Vinhos da Madeira, «Gomes», «Whisky», Benmore». — Encontram se á venda em todos os bonses tabelecimentos e na Filial, Rua do Alecrim, 117. — Telef. 2 2556. — Distribuição aos domicilios

RAINHA DA HUNGRIA

A boa conservação de uma pele sem defeitos, exige o uso de produtos de beleza e de «maquillage» que não prejudiquem e antes mantenham a epiderme num estado constante de pureza, frescura e embelezamento.

A Água, Cremes e Pó de Arroz RAINHA DA HUNGRIA são produtos cientificamente puros e especialmente destinados para conservar a epiderme, limpar os poros, tonificar os tecidos, embelezando-os, e evitar a formação de rugas precoces.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
TELEF. 21866 — AV. DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Na limpeza de: Cristais, Espelhos, Cromados, Frigoríficos, Banheiros, etc.

Nunca Arranhou!...

Bon Ami

PARREIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Anuncio

Pela terceira vara do Tribunal do Trabalho do distrito de Lisboa, e pelos autos de transgressão do trabalho que o Ministerio Publico move a João Moura Fernandes, há-de proceder-se, ás 11 horas do dia 18 do corrente mês, no estabelecimento de mercearia que o executado possue na rua de Santa Marta, n.º 159 A, á arrematação em hasta publica, de bens moveis penhorados ao mesmo executado e que serão postos em praça pelo valor da avaliação.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos, para assistirem á praça e deduzirem, querendo, seus direitos.

Lisboa, 2 de Maio de 1939.

O Chefe da Secretaria
Eduardo Mendes da Rocha Deniz
Verefiquei: O Juiz
Eduardo Correia Guedes

COMARCA DE LISBOA
Tribunal Judicial da 6.ª Vara

Por este Juizo, cartorio da 3.ª secção, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio, citando o réu Edmundo A. Torres Batista, ou Edmundo Augusto Torres Batista, negociante, presentemente ausente e que foi residente em Vale de Paraizo, em Azambuja, para, no prazo de dez dias, e decorrido que seja o dos éditos, deduzir a oposição que tiver a acção executiva de extracto de factura que lhe move a Sociedade Bancaria J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, com séde na rua do Almada, da cidade do Porto, sob pena de, não o fazendo, se prosseguir nos ulteriores termos da execução ate final embolso da autora. Lisboa, 13 de fevereiro de 1939. O chefe da 3.ª Secção *Adelino Augusto Simões de Sampaio*. Verifiquei a exactidão: O Juiz de Direito, *Diogo Sarmento*.

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 4 1987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

Brandy Borges

com agua gasosa ou mineral é um aperitivo agradavel, economico e altamente tónico.

O CARDIAL VERDIER EM ARGEL

A visita serviu para acentuar o lealismo dos argelinos á França

ARGEL, 4. — «Todos sômos filhos do mesmo Deus. A vossa presença aqui atesta o lealismo perfeito da população argelina e que nós formamos uma unica e mesma familia, que sômos todos filhos da mesma patria»— assim o cardial Verdier recebeu as personalidades muçulmanas argelinas no arcebispado.

O grande Mufti respondeu-lhe dizendo que os muçulmanos estavam profundamente reconhecidos ao Legado e que tinham muita afeição pelo Papa. O cardial Verdier assegurou-lhe que faria um relatorio para Sua Santidade.

Depois falou o grande Rabino. Estigmatizou todas as doutrinas que divinizam o Estado, a classe ou a raça. Depois prestou vibrante homenagem ao Papa, dizendo que jámais os judeus esquecerão a obra grandiosa de Pio XI e a enciclica que condenou sem remissão as ideologias subversivas que atacam a alma e arruinam os principios religiosos e morais.

O cardial Legado apertou-lhe a mão e disse-lhe: «Os catolicos conservar-se-ão até ao fim vossos amigos, através das provações que não durarão sempre».

Mais tarde, celebrou-se na catedral a cerimonia da entrega do breve pontificio. Assistiu grande multidão, que aclamou o cardial e a França.—(Havas).

A agitação na Palestina

Conflito em Tel-Aviv

TEL-AVIV, 4. — Dois jornais, que apareceram no dia 1.º de maio, não obstante o aviso da organização do trabalho, são boicotados por parte da população. Os tipografos fizeram gréve de protesto e a Policia tomou providencias para impedir o encontro dos membros dos dois partidos extremos-trabalhista e revisionista.—(Havas).

Chegada de soldados britanicos

JERUSALEM, 4 — Um policia inglês foi ferido em Naplusa no ataque a uma patrulha. Um agente secreto foi gravemente ferido em Tel-Aviv. O resto do país esteve ontem tranquilo.

Por outro lado, o transporte «Somersetshire» chegou e desembarcou 1.300 soldados gauleses e escoceses. — (Havas).

Chamberlain queixa-se

de que os ditadores não lhe deixam tempo para leituras

LONDRES, 4.—Discursando no banquete anual da «Royal Literary Fund», Chamberlain revelou que os seus autores favoritos são Alexandre Dumas, Joseph Conrad e Shakespeare. Queixou-se, porém, de não ter muito tempo para lêr. «E' uma das coisas que eu exprobo aos ditadores—disse—deixarem-me pouco tempo para lêr. Muitas vezes sucede-me estar ha vinte minutos mergulhado numa leitura e alguem interrompe-me para me anunciar: o ditador acaba de fazer uma das suas. Vêem bem quanto me é dificil lêr tanto quanto eu desejava».—(Havas).

A neve em Castela

TOLEDO, 4. - Redobrou de violencia a tempestade de neve nas montanhas. Na região de Avila o frio é intenso. A circulação tornou-se dificil nas estradas.—(Havas).

Após a guerra de Espanha

Julgamento em Barcelona

BARCELONA, 4. — Reuniu-se o Conselho de Guerra, em processo sumarissimo, para julgar Angel Palanca e Vicente Serral, presos por tentarem um assalto no Cinema do Paseo de la Gracia. O Ministerio Publico pediu a pena de morte e a execução com garrote.—(Havas).

O crucifixo nas escolas

BARCELONA, 4. — Celebrou-se um acto simbolico para colocar o crucifixo nas escolas com a assistencia do bispo e das autoridades. O general Alvarez Arenas, discursando, disse que os povos não podem viver sem fé catolica e jurou que o crucifixo nunca mais desaparecerá das escolas.—(H.).

Reunião dos prelados espanhois

TOLEDO, 4. — Reuniu-se a asembleia metropolitana dos bispos de Espanha presidida pelo cardial dr. Goma y Tomas. Este pronunciou um breve discurso, dizendo que a guerra fôra a consequencia do pecado e que a paz é o fruto da dôr. Terminou regozijando-se por a paz ter voltado á Espanha.—(Havas).

Pedido de uma condecoração para Franco

MADRID, 4. — O governador da cidade requereu ao governo que Franco seja condecorado com a grã-cruz laureada de S. Fernando. Pediu tambem que esta condecoração seja entregue ao caudilho no dia do desfile da Vitoria.

Por ocasião das festas da Vitoria os cinemas da capital organizam uma homenagem á Alemanha, exibindo-se 5 filmes de propaganda alemã.—(H.).

Crianças repatriadas

BURGOS, 4. — Durante o mês de abril foram repatriadas 1.789 crianças, que se encontravam em Inglaterra, França, Belgica e Suiça.—(Havas).

As relações militares

dos Estados Unidos com o Brasil

WASHINGTON, 4—O Departamento da Guerra completou os preparativos para a viagem ao Brasil do general Marshall, que será brevemente hospede do general Aurelio de Goes Monteiro, durante uma semana. Segundo os circulos bem informados, o general fará a viagem a bordo dum cruzador e deixará os Estados Unidos cêrca de 10 do corrente. Por outro lado o Departamento do Estado pediu a diversas nações da America do Sul e Central autorização para a aterragem dum novo modêlo de avião militar, que efectuará brevemente um vôo de demonstração.—(Havas).

O Parlamento hungaro

foi dissolvido

BUDAPESTE, 4. — A Camara foi dissolvida. A nova Camara reunir-se-á em 10 de junho. As eleições far-se-ão, provavelmente, no Pentecoste.

A Camara dissolvida ainda aprovou difinitivamente a nova lei judaica, que afecta 500 mil judeus, principalmente jornalistas e funcionarios de Estado. As percentagens da participação dos israelitas na vida nacional baixam para 6 por cento, quanto ás profissões liberais, e para 12 por cento na industria e comercio. Os judeus deixam de poder ser proprietarios e os que o são actualmente podem ser expropriados. —(Havas).

O niquel canadiano

OTTAVA, 4. — O primeiro ministro qualificou de inteiramente falsas as alegações que todas as importações de niquel feitas pela Alemanha, para armamento, provinham do Canadá Declarou que apenas 1 por cento de niquel do Canadá é directamente enviado para a Alemanha. A maior parte das exportações do Canadá vai para a Gran Bretanha e Estados Unidos, que reexpedem parte para a Alemanha.—(Havas).

Limpa metais
MARAVILHA

A ultima Maravilha em Limpa Metais
União Industrial de Graxas, L.da
Av. 24 de Julho, 16 Lisboa — Telef. 21348 | Rua Passos Manuel, 193 Porto — Telef 6870

TORROAES
Vende com descontos apreciaveis durante as obras e para remodelação do seu sortido
RELOGIOS BONS
JOIAS DE GOSTO
PRATAS LINDISSIMAS
119—Rua da Prata—123 — Tel. 24210

VASELINAS
LIQUIDAS E FILANTES
Sonap
SOC. NAC. DE PETROLEOS
R. Terreiro do Trigo, 52 LISBOA

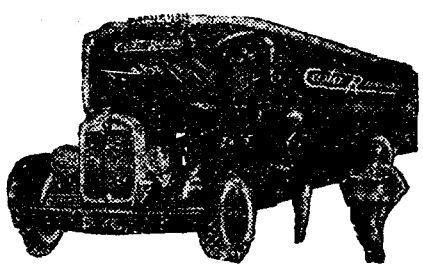
Estancia do Seixoso
REPOUSO E REGIME
Lixa-Douro

Caramelos «CONFIANÇA»
Os unicos nacionais. Um produto da Fabrica de Bolachas e Biscoitos «Confiança». Peçam esta especialidade. A' venda em toda a parte. Quilo 28$00.

BICICLETAS
Grande baixa de preços
Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
116 — Rua Crucifixo — 124
Telefone: 2 7027

CASINO ESTORIL
Aos sabados no WONDER-BAR é obrigatorio o trage de «soirée» e o consumo de Esc. 15$00 passa a ser pago á entrada do WONDER-BAR.

MOBILIAS
A casa J. Antunes é a primeira em apresentar as mobilias e decorações mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos
VISITEM OS SEUS ARMAZENS
para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos
D. João V, Renascença, Holandês rico, etc.
135 — RUA CONDE REDONDO — 137


TRANSPORTES COSTA RAMOS
Domicilio a Domicilio
Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.
PORTO — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 15061-15062
LISBOA — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 27200

Como as senhoras podem libertar-se das dores nos períodos mensais?

As dores periódicas de que sofrem as senhoras, podem suprimir-se ràpidamente com um a dois comprimidos de Veramon, calmante que reconstitui o bem-estar, num instante.

Os médicos peritos e particularmente os ginecologistas têm confirmado que o Veramon é especialmente eficaz contra as dores periódicas. Deve-se isto a que o preparado tenha sido fabricado após investigações experimentais minuciosas e conscienciosas no laboratório e na clínica. Dêstes estudos resultou o Veramon, antidoloroso deveras excepcional.

As principais propriedades do Veramon são:
- acção rapida, segura e enérgica
- ser inofensivo
- ausência de efeitos desagradáveis como seja sono ou ardores.

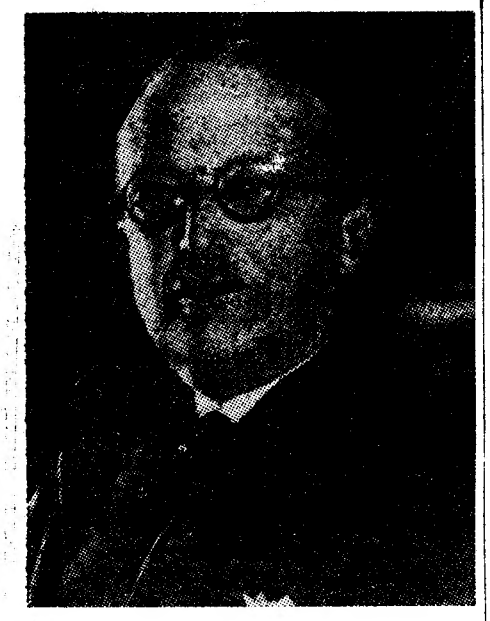
O Veramon é o calmante preferido de quem sabe apreciar o valor dum medicamento.

Schering VERAMON Schering
Tubos com 10 e 20 compr.

O ULTIMO DISCURSO DO FUEHRER

Tardieu responde a Hitler

num artigo violento



ANDRE' TARDIEU

PARIS, 4. — Como Hitler tivesse no seu ultimo discurso atacado violentamente os «criminosos de Versailles», André Tardieu, unico sobrevivente dos cinco plenipotenciarios franceses, responde-lhe hoje no «Gringoire», numa carta aberta intitulada: «Resposta dum criminoso». Entre outras cousas, Tardieu escreve: «A Alemanha não esperou pelo hitlerismo para tomar consciencia de si mesma pela violencia. Os seus poetas, os seus filosofos e os seus dirigentes viram-na sempre sob a forma de conquista ininterrupta de territorios e de mercados. O proprio Hitler é a prova mais recente pela doutrina do «Mein Kampf», doutrina que Hitler se absteve de recordar no seu discurso. Este discurso dá a impressão de constrangimento. Hitler, embaraçado pelo questionario de Roosevelt e pela aprovação do serviço militar obrigatorio na Grã-Bretanha, respondeu muito mal por meio duma estranha mistura de ultrajes, cinismo, vaidade e hipocrisia».

E acrescenta:

«Com os vossos ultrajes não se morre. Respondo-vos aqui em nome dos criminosos de Versailles, que insultastes, porque libertaram tantos povos que se encontravam sob o dominio da Alemanha. Sou um desses imbecis e ignorantes contra quem se desencadeia a vossa «verve» tardia e, pelo que me diz respeito, sinto-me orgulhoso por merecer a vossa colera. O vosso cinismo estonteia. Chorais sobre as ruinas da ultima guerra, mas essa guerra quem, senão a Alemanha, a quis, a preparou, a maquinou, a declarou, a perdeu? Troçais dos parvos que houve em França e na Grã-Bretanha, que acreditaram que Munich era um acôrdo duradoiro e o começo duma nova era. Todavia, haviels dito isso. A vossa vaidade espelha-se nessa frase espantosa em que saudais em vós mesmo o Soldado Desconhecido da ultima guerra, que os seus camaradas aliás julgavam morto, e tambem nessa frase em que dizeis que tendes respeitado as liberdades de todos os povos, principalmente, a do povo checo. Permitir-me-ei acrescentar que corcais esse palavriado com hipocrisia refinada. Recusais responder a Roosevelt, recordando as garantias de segurança que prodigalizastes aos vossos vizinhos. Por que não vos lembrais tambem quanto a elas haveis faltado? Se me dão licença, direi que a vossa politica e o vosso discurso apenas uma coisa demonstraram: é que essa paz de Versailles, cujos horrores denunciais, não tratou o vosso país com rigor suficiente. Se, por vossa culpa, e mau grado vosso, acredito-o, a guerra estallasse, espero que se saberia, depois de a termos ganho, impôr-vos condições mais imediatamente duras do que as ultimas, mais do que nunca justificadas pelo vosso anselo de dominar a Europa». — (Havas).

REX-BAR — Tel. 27391
Aberto toda a noite

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Ciano procurará levar Ribbentrop

a uma politica de moderação quanto á Polonia

ROMA, 4—O encontro de Ribbentrop com Ciano é considerado de capital importancia. Depois dos multiplos encontros dos homens de estado do «eixo», Ribbentrop e Ciano parecem querer examinar de perto a situação perante a Polonia e combinar a conduta depois do discurso que Beck pronunciará amanhã. Pode-se supor que Ciano aconselhará moderação com respeito ao conflito germano-polaco, que colocou a Italia em certo embaraço. A Italia teve sempre excelentee relações com a Polonia, que se acentuaram ultimamente. Na realidade Roma deseja ardentemente o apaziguamento entre Varsovia e Berlim. Por isso é que prodiga os seus conselhos de prudencia a Varsovia e a convida a tomar em consideração as propostas alemãs—em suma, a tratar com Hitler. No caso de agravamento da tensão entre Berlim e Varsovia, a impressão geral é que a Italia procurará localizar o conflito eventual, como o fez quando da crise checa, mas não ha duvida de que se colocará ao lado da Alemanha, se se aplicasse a garantia franco-britanica a favor da Polonia.—(Havas).

Goering deve chegar hoje a Italia e dali partirá para Espanha?

BERLIM, 4—Embora não seja possivel conseguir nas esferas autorizadas dados precisos sobre a viagem de Goering a Italia, informações abtidas esta manhã permitem afirmar que o marechal partiu efectivamente de Berlim na quarta-feira á noite e que chega hoje, ás 18 e 30, a S. Remo. Sua esposa não o acompanha. O marechal demorar-se-ia cêrca duma semana em S. Remo. Segundo consta, não estão previstas negociações politicas, mas tambem não se sabe qual é a finalidade da viagem de Goering.

Em certos circulos pensa-se que S. Remo é apenas a escala duma viagem de Goering a Espanha, onde o marechal iria apresentar Alemanha e o Fuehrer na grande parada de Madrid. Trata-se, evidentemente, de um boato sem confirmação oficial ou oficiosa e, portanto, de acolher com as reservae necessarias.—(Havas).

A's 17 horas

Conferencias em Toquio

TOQUIO, 4.—Os embaixadores da Italia e da Alemanha estiveram no Ministerio dos Estrangeiros a convite de Arita. A Domei crê que as entrevistas do ministro com aqueles embaixadores foram sôbre a «tensão europeia». Por seu turno os observadores politicos são de opinião de que estas conversações tiveram por objecto dar a ultima demão em certas medidas iminentes que serão tomadas para reforçar o pacto anti-comunista. A importancia das entrevistas é assinalada pelo facto de Arita ter exposto a situação europeia esta manhã ao imperador.—(Havas).

Depois de amanhã será anunciada uma nova aliança militar

TOQUIO, 4—A Domei informa: Insistindo em certas informações chegadas a Toquio, o «Asahi» e jornais associados anunciam que, para contrapôr á politica de cerco que a Inglaterra e a França de acôrdo com a U. R. S. S. se obstinam em prosseguir, a Alemanha e a Italia decidiram concluir uma aliança militar que será anunciada de qualquer maneira a 6 de maio. O «Asahi» acrescenta que não é, todavia, evidente que a referida aliança seja dirigida contra a Inglaterra.—(Havas).

Vai para o Romenia uma missão militar francesa

PARIS, 4—Parte brevemente para a Romenia uma importante missão militar francesa, que será chefiada pelo general Weygand. Esta visita foi resolvida durante as conversações que houve entre Gafenco e o governo francês.

A misão militar francesa encarregar-se-á de ministrar aos oficiais romenos os ensinamentos da moderna táctica de guerra e conduzirá os exercicios e as manobras militares do exercito romeno.—(United Press).

Navios ingleses em Brest

BREST, 4.—Os couraçados britanicos «Royal Sovereig» e «Royal Oak» chegaram esta manhã a este porto.—(Havas).

O desfile militar em Valencia

VALENCIA, 4—Perante o generalissimo Franco, desfilaram hoje, em Valencia, 70 mil homens, com dezenas de canhões e carros de assalto, Franco, que pronunciou um discurso, foi muito aclamado pela multidão que assistiu ao desfile.—(U. P.).

A «Feira do Rossio»

abriu hoje com grande concorrencia

O Rossio esteve hoje muito animado com a feira que ali se realizou a favor da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. Numerosas barracas de cores garridas eram ocupadas por gentis senhoras da nossa sociedade, que fizeram abundante venda dos mais variados artigos e generos de todas as qualidades, por preços convidativos.

A «Feira do Rossio» continua amanhã, bem como a tombola onde hoje foram sorteadas dezenas de objectos de valor e utilidade.

Opiniões da Imprensa

Sobre a viagem de Ribbentrop

O «Journal» comenta:

«Esta visita pode parecer tanto mais oportuna quanto é certo que a Italia mantem com a Polonia—actualmente em fóco, como o estava ha semanas a infeliz Checo—relações de amizade que a colocam em posição extremamente penosa, pois está ameaçada de ser obrigada a apoiar com meios diplomaticos que poderão revestir mais tarde o caracter militar uma nação de que se afirmou amiga ha ainda um mês, quando Ciano foi a Varsovia ver Beck. Pode-se, pois, considerar que Ribbentrop sentiu a necessidade de determinar até onde iria a fidelidade italiana no caso dos acontecimentos virem a estragar-se entre a Polonia e a Alemanha. Isto é tanto mais verosimil que consta ter-se apurado em certos meios diplomaticos berlinenses que, se a Italia deu a Varsovia conselhos de moderação, prodigalisou-os tambem a Berlim».

O «Jour» pregunta:

«Será resposta ao «eixo» e não sómente resposta á Alemanha a que srá dada no discurso de Beck? O que dirão Ribbentrop e Ciano e, sobretudo, o que poderão decidir a proposito da questão polaca é impossivel supôr-se. O que pode observar-se, entretanto, é que os contactos do «eixo» fazem-se sobretudo neste momento. A ultima viagem de Ciano foi para a arbitragem de Viena e desde abril vieram ou vêm á Italia Goering e Von Brauschitch».

Sobre a demissão de Litvinof

Um jornal parisiense diz:

«Ao fim da noite soubemos que Hitler não teria nenhuma razão para estar satisfeito com a mudança, pois na realidade tratar-se-ia, sobretudo, do facto de Estaline ver com efeito aproximar-se o momento em que os compromissos mais graves vão ser tomados pela republica russa. Deseja ele proprio conduzir todas as negociações. Molotof, menos ao facto das questões que Litvinof, estará obrigatoriamente desejoso de seguir os conselhos de Estaline. A substituição de Litvinof apresenta-se sobretudo como uma especie de reacção contra a politica da S. D. N. Pensa-se que se lhe teria feito acusação—em certo lugar—das lentidões trazidas ás negociações. Em todo o caso, sabemos de boa fonte que não está de modo algum nas intenções de Estaline mudar o quer que seja na politica da U. R. S. S. em relação ao ocidente. Antes pelo contrario. Os interesses primordiais da U. R. S. S. indicam-lhe mais do que nunca uma politica que consiste em apoiar todos os povos que possam ser levados a combater para defender as suas liberdades, a começar por aqueles que são seus limitrofes».

O «Expreess Poranny» acentua:

«O sucessor de Litvinof não está de maneira nenhuma comprometido na teoria da segurança colectiva, mas é homem que possui ao mesmo tempo a confiança de Estaline e a do exercito. E' partidario da politica de paz e de equilibrio. E' conhecido pela sua firmeza e pela sua ambição. Por diversas vezes atacou vivamente a Alemanha e passa por adversario decidido do hitlerismo».

O «Berliner Boersen Zeitung» afirma:

«Aqueles que andam de porta em porta a mendigar auxilio devido á sua fraqueza devem quebrar a cabeça para saber se Molotof seguirá a antiga politica ou inaugurará uma politica nova. Para nós basta-nos saber que com Litvinof desaparece o representante da politica sovietica tão rica em malogros como a politica nazi foi rica em exitos».

O «Timee» observa:

«A demissão causou profunda surpresa em Londres, pois nada a fazia prever. Ao mesmo tempo, convem acentuar que Molotof pouco se interessou até agora pelos negocios estrangeiros. Parece ainda demasiado cedo para se falar numa reviravolta da politica sovietica. As noticias recebidas esta manhã de Moscovo sublinham, aliás, que o governo sovietico seguirá a mesma politica, quanto ás potencias ocidentais.

«O apoio sovietico, em caso de conflito, é indispensavel, mas é preciso não esquecer que ha paises anti-comunistas com os quais a Grã-Bretanha tem muito boas relações».

«Não desejamos acrescenta—criar inimigos ideologicos. Uma aliança estreita com a Russia poderia incomodar outras negociações que podem tambem ter a sua influencia no regresso das nações á politica da prudencia e da amizade. Não quere isto dizer que todos os paises cuja historia recente prova que renunciaram á guerra como instrumento de politica nacional não possam assumir o compromisso de se oporem a todo aquele que ponha a paz em perigo».

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

João de Barros

Um poeta

do sertão e da alma brasileira

Catulo da Paixão Cearense

A poesia é ainda e será sempre uma grande força de comunhão social. Catulo da Paixão Cearense, o aedo da alma sertaneja do Brasil, vai ter, em plena vida e em plena gloria, o seu monumento publico no Rio de Janeiro. Sob o patrocinio do jornal «A Noite», cuja vasta irradiação se pôs nobremente ao serviço da simpatica e justa iniciativa, breve será inaugurado, entre as frondes dalgum jardim acolhedor, o busto daquele a quem Humberto de Campos apelidou de «Homero nacional» e Murilo de Araujo comparou a Gringoire e a Villon. E de todas as regiões, de todas as cidades, de todos os cantos do imenso territorio brasileiro afluem donativos para a subscrição que, já volumosa, permitirá cumprir o voto de espontanea homenagem ao prodigioso lirico.

Nem uma voz discordante na orquestra numerosissima dos louvores que o incensa, nem uma só pessoa—rica, pobre, remediada, culta ou inculta—que se negue a enviar a sua contribuição. Catulo falou e fala ao coração de todos—e todos lhe devolvem em ternura, em afago, em admiração comovida, o infinito encanto, o inefavel e dôce enleio que nos seus versos melodiosos colheram e respiraram. Tão singular, mas tão merecida como o apaixonado carinho que a envolve, é esta adesão dum povo inteiro á ideia de prestar, de render o preito excepcional. Rara expressão de amor colectivo a uma obra vasada nos moldes do mais puro e entusiastico amor pela grei, pela paisagem e pelos ambientes brasilicos. O movimento de aplauso que se verifica em torno da consagração a Catulo é um motivo, um forte motivo de alegria e de orgulho para os destinos eternos da Poesia.

O homem que, no dizer de Roquette Pinto, «*foi o escolhido da sorte para arquivar no côro dos povos que cantam a voz do seu proprio povo*», vi-o a primeira vez e mcasa de Malheiro Dias, ha dezanove anos. Malheiro Dias, então escrevendo, no habito retemperante do Guanabara, as paginas magistrais da «Historia da Colonização Portuguesa no Brasil», quisera dar-me mais uma prova da sua penhorante e generosa amizade, com a apresentação de Catulo. Vi-me em frente dum senhor baixinho, de oculos, vestido como qualquer mortal que não cuida de apurar o trajo, burguês placido e quasi timido, mas com um extraordinario olhar, que chamava logo as atenções. Olhar simultaneamente agudo e embrumado de sonho, ora agil para apreender os minimos aspectos exteriores, ora perdido, abismado em cisma profunda e intima. Olhar que se velou assim que o estranho bardo pegou no violão e, dedilhando-lhe as cordas com delicada veemencia, do pesado instrumento foi extraindo sons de impressionante, de pungente harmonia. Um silencio religioso o cercava. E as trovas, os poemas, os ritmos de saudade e de exaltação, de conduta e piedade, de caricia e desejo, de esperança e de fervor, derramavam-se no ar quieto, —asas de invisiveis, de subtis remigios pairando na atmosfera de extase que nos tomava.

Numa lingua saborosa de modismos populares—Catulo autor quasi não quere, nem usa outra—emanação do instinto e do gosto secreto do povo, o autor do «*Meu Sertão*» e do «*Meu Brasil*», desfiava gorgeios e soluços que os acordes do violão acompanhavam. Certo, a sua poesia ganhava dessa maneira não sei que suavidade e crispação novas. Eu conhecio-o, porém, lera e relera os seus livros. E essa leitura, deslumbrando-me perante o genio de Catulo, assegurava-me que o sortilegio da musica e da voz acrescentava, sem duvida, novidade, mas não beleza nem intensidade ao lirismo poderoso do bardo. Lida ou cantada, a sua poesia não perde nunca a extraordinaria virtude de sugestão, de comunicabilidades, que a distingue e a torna querida dos mais cimeiros espiritos e dos mais humildes e ignorantes ouvintes.

«*Um Boemio no Ceu*» é, se não erro, a ultima obra de Catulo. Precedem-na varias opiniões de escritores e artistas. Note-se este caso realmente curioso:—todos o reivindicam, ou quasi, para o seu gremio. Os escritores vêem nele o extraordinario poeta que, de facto, sempre foi. Mas um pintor, Oswaldo Teixeira, afirma ser Catulo «*o maior e mais completo colorista do Brasil*»; um compositor musical, Francisco Braga, considera-o «*um grande musica*». Isto mostra a opulencia e originalidade da arte de Catulo, vate humanissimo e, portanto, complexo em tudo quanto pensa, inventa e cria. Humano, sim, até ao mais secreto pulsar da sua carne e do seu sangue, até ao mais oculto anelo da sua alma e da sua emoção. O monumento que projectam levantar-lhe não consagrará apenas um poeta brasileiro. Mas, tambem, um poeta que sabe revelar e expressar anseios, impetos, devoções, prantos, vitorias e magoas da Humanidade de todas as Patrias.

JOÃO DE BARROS

Arte portuguesa

NOSSA SENHORA DO CARMO, estatua de Costa Mota

Bibliografia

A Aranha, de Henri Troyat.

E' interessante o movimento livresco que se está dando, em Portugal. Ha já interesse de traduçao rapida pelo ultimo «vient de paraitre» ou pela obra consagrada, no estrangeiro, pela critica e pelo publico. Dir-se-ia que, as nossas editoriais—e são quasi sempre as mais modestas, nascidas dum esfôrço individual — devassam, com curiosidade novos horizontes, com o sentido de trazer o publico ao corrente das melhores produções da literatura internacional.

Noutro tempo, a tradução do ultimo Premio Goncourt, demoraria largo tempo a aparecer, e podia mesmo até suceder que não fôsse vertido para português. *A Aranha*, de Henry Troyat, é uma expressão nova do romance francês. Parece que depois de se terem esgotado todos os assuntos, uzado todos os caracteres—nada mais havia que disse uma nota alta de originalidade. Puro engano! Henry Troyat enveredou pela crueldade, pelo cinismo, pela morbidez dolorosa que, por vezes, nos causa arrepios, sendo fundamente humana. O personagem principal é um vago escritor, tipo de falhado, tuberculoso que se adivinha, invejando o destino de três irmãs que com ele convivem, desviando-as da alegria e da felicidade. E' uma força terrivel de malignidade, que se compraz em fazer sofrer, em envenenar tudo á sua volta, tecendo—a *aranha* —uma terrivel teia á sua volta, onde as vitimas são encarceradas. O caso psicologico é estupendamente tratado. Troyat disseca não só uma alma, mas um corpo. O seu personagem é como os naufragos que não querem morrer sem arrastar para o abismo outros seres, que muito bem se podia salvar. Ha que lêr este livro poderoso, frenetico, nevrozado—e tão palpitante como a carne. E' um acento novo na literatura francesa. Alguma coisa de demoniaco, que envolve uma terrivel serie de crimes morais, de crispação intensa, e apresentado com a mais singular realidade. Tradução modelar de Casais Monteiro (Editorial Inquerito).

La guerre n'existe pas..., de Luc Durtain.

Talvez devido á atmosfera perturbante, em que a Europa vive, alucinada pelos rumores dum proximo conflito que vêem de toda a parte, os livros de guerra voltaram a ter uma cruciante realidade. O que nos enviou Luc Durtain, com uma gentil dedicatoria, em que recorda a sua estada em Lisboa, é uma obra de alma emoção, cuja «economia» se pode considerar inteiramente nova, nos anais do romance. *La guerre n'existe pas...* é um testemunho autentico, com notas realistas, copiados ao vivo, nos locais das batalhas, na febre e violencia da luta e na rectaguarda, nos hospitais e ambulancias, como que sangrando ainda, tresandando ainda ao cheiro adocicado e pôdre do cloroformio. E' preciso não esquecer que Luc Durtain é um medico—tanto de corpos, como de almas. A solução que dá ao audacioso problema que trata no livro, é tão intensa, como empolgante.

Deixa-nos em carne viva. *La guerre n'existe pas...* é uma obra, de doloroso potencial, rica de humanidade, com admiraveis reflexos sobre o eterno «flagelo de Deus».

Podemos mesmo considerá-la um dos cumes da chamada literatura dos exercitos.

O personagem principal chama-se Daniel Regimbault, verdadeira agua forte de caracter, um visionario, um mistico, que ficará como um prototipo da literatura contemporanea.—*(Edição Flammarion).*

Historia da Expansão Portuguesa no Mundo.

Recebemos o fasciculo XV desta obra monumental, alto serviço de cultura historica prestado ás leitoras nacionais. Sumario do fasciculo: «Descobrimento do caminho maritimo para a India», pelo dr. Mario de Albuquerque; «O governo central e o governo local» (India), pelo dr. G. Santa Rita; «Organização militar do Oriente» pelo coronel Costa Veiga; «A armada e o Imperio da India», pelo comandante Botelho de Sousa. Admiraveis gravuras e cartas nauticas decoram este magnifico exemplar, cuja publicação se deve á iniciativa esforçada e patriotica de Luiz Montalvor. (Editorial Atica).

Dialogo sobre a Justiça, de Platão.

E' uma peça celebre, que é tantas vezes citada de ouvido, que merece lida e meditada. O divino Platão traça o seu magistral ideario, com aquela clareza que era apanagio do genio grego. O pó dos seculos não apagou uma unica das suas frases, que dir-se-ia terem sido gravadas no bronze eterno da verdade e da justiça. Tradução de Lobo Vilela *(Cadernos Culturais, Inquerito).*

Memorias dum medico, de Alexandre Dumas.

Continua a sair, com toda a regularidade, a celebre obra romanesca de Alexandre Dumas, *Memorias dum Medico*. Foram agora publicados o III e IV volumes, da 4.ª parte, intitulada «A condessa de Charny». *(Livraria Guimarães).*

«BARBEAR E PENTEAR»

Observações acêrca de traduções

por Augusto da Costa

Lembra-me ter lido em tempos, na secção *Cá por Lisboa* dum semanario que já não existe — *Bandarra*—qualquer coisa como isto que vai seguir-se. Passava-se a cena numa loja de modas do Chiado e o caixeiro metia na conversa grande dose de palavreado francês; então, o rapaz que acompanhava a noiva a compras quis aprofundar... a seu modo:

—*Usted parlare français?*

— *Yes. Un poquito...*

Vem isto a proposito de traduções. Ha poucos dias, na Baixa, comprei um romance estrangeiro em voga. Como não havia na lingua original, tive de utilizar a tradução portuguesa. Em casa, á noite, entre o jantar e o pegar na pena, comecei a folheá-lo, mesmo sem lhe abrir as folhas. Que decepção! Que prosa, meu Deus! Que estilo! Que gramatica! Se rigorosamente o estilo transcende a gramatica, se na verdade a obra de arte não vale apenas na medida em que respeita todos os canones gramaticais, não é menos certo que ha sempre um minimo de gramatica sem o qual o verdadeiro escritor não pode passar: sem esse minimo, será pensador profundo, mas não passará de mediocre escritor. Bastará dizer que noutro livro traduzido pela mesma pessoa encontrei, em duas paginas, mais de vinte vezes o pronome indefinido *um*, nas suas varias formas, e um dos protagonistas a *subir* não me recordo que sofrimento. Deveria ser, naturalmente, *suportar*, que em francês se diz na verdade *subir;* o tradutor, porém, de francês... *yes*, percebia *un poquito*... De modo que no dia seguinte voltei á livraria e troquei o livro mal traduzido em português pelos dois volumes que constituem *Le Capitaine Fracasse*, de Theophile Gautier, na edição da livraria Grund; e suponho ter ganho com a troca...

Dias depois, falando deste caso com um velho camarada, vim a saber que o mesmo tradutor de livros franceses traduzia «oficial de engenharia» *(officier du génie)* por *oficial de génio* e «bem publico» *(salut public)* por *saude publica*. Vim a saber ainda que o tradutor de um livro celebre alemão, servindo-se certamente da tradução francesa, converteu «lata», ou «folha de Flandres» *(fer blanc)* em *ferro branco*. Que será isto de ferro branco em português?

Estas tolices são como as cerejas: puxa-se uma, vêm muitas. De cada pessoa a quem se conta uma, ficam-se conhecendo mais duas ou três... Assim, vim a saber que Pinheiro Chagas, salvo êrro, vira marcados na areia mole da praia os *artelhos* não sei de quem: o autor francês escrevera *orteils* (que são, em francês, os dedos dos pés) e o tradutor, levado pela semelhanca dos termos, não hesitou na tolice. Tão boa como esta, porém, se não fôr melhor ainda, temos a daquele jovem escritor que descobriu abanarem-se as japonesas com *aventais!* Pesado abanico, ou leque. ou. em francês, *eventail*...

E' sempre antipatico o papel de Cardial Diabo. Tão antipatico, que propositadamente me abstenho de citar os nomes dos tradutores vivos, não vá dizer-se haver antipatia pessoal ou interesses ocultos onde ha apenas o bom desejo de servir dignamente as letras portuguesas — mesmo quando se trata de traduções. E' bom que se traduzam livros estrangeiros onde os livros nacionais brilham pela ausencia; já que não podemos lêr muitos e bons livros portugueses, que haja bons livros estrangeiros; quem não possa lê-los no original, que os leia traduzidos. A tradução de livros estrangeiros, porém, não deve ser feita com criterio puramente comercial, como acontece com os romances em fasciculos: só os bons livros devem ser traduzidos; mas a tradução de bons livros exige bons tradutores. Nem a tradução literal, palavra por palavra, com o dicionario á mão, nem a ausencia completa de dicionario, como nos casos do *avental* por «leque» *(éventail)*, do *ferro branco* por «folha de Flandres», ou «lata» *(fer blanc)*, da *Saude Publica* por «Bem Publico» *(Salut Public)* e dos «artelhos» por «dedos dos pés» *(orteils)*. Quem traduz, tem de conhecer perfeitamente a lingua em que escreve e, além da gramatica, o *espirito* da lingua de onde traduz; senão, não...

Foi necessario um dia traduzir para francês o Estatuto do Trabalho Nacional. Neste diploma existe um artigo, relativo aos direitos do proprietario, melindroso de traduzir, pois na tradução duma lei para qualquer lingua é preciso respeitar não sómente a forma gramatical mas ainda, por assim dizer, a sua estrutura ou *equivalencia* juridica. Pois bem. Tive varias turras com o francês encarregado da tradução, pois a *forma* francesa não correspondia inteiramente á *substancia* portuguesa. Eu não sabia traduzir melhor, nem tinha obrigação disso, por não ser francês e nunca ter estado em França; sabia, porém, que o texto francês não correspondia ao texto português. A tradução acabou por ser feita á vontade do tradutor; mas. anos passados, este reconheceu que não tinha traduzido exactamente. Verdade seja tambem que o mesmo tradutor, mais tarde, se atreveu a riscar dum original a expressão *plaie d'argent n'est pas mortelle*, chamando-lhe *charabia* e afirmando que não era francesa. De modo oposto pensaram os revisores, franceses tambem, da livraria Flammarion, porque a expressão *plaie d'argent n'est pas mortelle* lá ficou no texto francês, e repetida três vezes.

De tudo isto se conclue apenas uma coisa: que as traduções de livros estrangeiros não podem ser entregues indiferentemente a qualquer pessoa, porque as traduções mal feitas produzem duas consequencias desagradaveis: deminuem o valor da obra original e pervertem o gosto do publico. Num país como o nosso, sobretudo, onde são tão poucas as pessoas que escrevem verdadeiramente bem, é preciso evitar que traduções feitas á pressa, por pessoas que mal conhecem a lingua de onde traduzem, venham ensinar os portugueses a falar e escrever pior do que falam e escrevem.

Para terminar, uma anecdota a proposito. Certo português foi convidado a participar num banquete de camaradas. E como lhe preguntassem porque não havia levado tambem a mulher, ele, mastigando, respondeu:

«— *Ma femme est morue et, moit, je suis beuf...*

... A mulher era *bacalhau*, porque tinha morrido, e ele era, portanto, viuvo *(veuf)*; simplesmente, como nascera no Minho, trocava os *vv* por *bb*, e daí o considerar-se... *beuf*, que se pronuncia como *boeuf!*

Imaginem este homem a traduzir romances de amor para português!

AUGUSTO DA COSTA

«BÂTON»

de ALFREDO CORTEZ

Alfredo Cortez publicou a sua peça «Baton», que os seus numerosos admiradores não tiveram ocasião de vêr em cena, mas que têm agora ocasião de lêr numa primorosa edição cujo exito de livraria tem sido retumbante

Pesca e literatura

RAMALHO ORTIGÃO

Que os grandes escritores têm sido, nas horas vagas, musicos, pintores, escultores, é particularidade conhecida; e o facto não deve causar estranheza, porquanto não oferece aspectos contraditorios. Alguns poetas hoje celebres, em cismaticos momentos inspiradores, traçaram no papel desenhos que mais tarde contribuiram para lhes aumentar a fama que obtiveram. Sucedeu assim a Vitor Hugo, que desenhava correctamente; a Baudelaire, que se auto-retratou; a João de Deus, que fez á pena um Cristo delicioso e ingenuamente poetico. E tantos outros, cuja citação se tornaria longa.

Até varios jornalistas têm ilustrado reportagens com apontamentos iconograficos proprios. Entre nós, que nos lembremos, dois ou três o têm feito. No Japão, porém, não se é jornalista sem ser simultaneamente desenhador... Eis um requisito que, felizmente, a profissão entre nós não exige. Todavia, isso constitue entretenimento mais ou menos ligado á ansiedade de imaginar...

Mas os escritores que se deixaram seduzir pelo encanto das labutas da gente rude é que nos oferecem certo contraste interessante.

Ramalho Ortigão foi verdadeiro «pescador». Coisa alguma o atraia mais do que a pesca. O proprio escritor o confessa nêste saboroso passo, que parece rescender a algas marinhas: «Não—tinha eu dito comigo logo de manhã cêdo, ao abrir a minha porta e ao contemplar o mar—com um tempo dêstes é que eu não vou trabalhar. Para onde eu vou é para a pesca. E trazendo o cesto com os aparelhos para a beira da agua, sentado no chão, em mangas de camisa, arregaçado até os joelhos, com os pés nus na tepida consolação da areia, abri a minha faca e pus-me o cartor a sardinha e a iscar os anzois.»

Maupassant, quando queria fugir do mundo — como costuma dizer — metia-se no seu iate «Bel-Ami» e fazia rumo ás costas do Mediterraneo, onde o romancista de «Une Vie» ficava longos dias a deliciar-se no prazer da pesca—espectaculo que, em seu dizer, é o mais inesperado e impressionante.

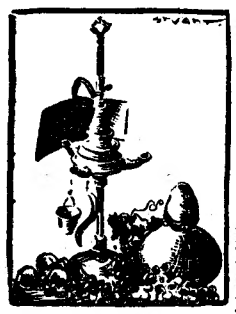
Henri de Man, é quasi um profissional da pesca do salmão. Podia viver do produto d afaina, se pescasse para vender...

A mania, gosto ou desporte, conforme queiram classificar, não é hoje muito da predilecção dos homens de letras, mormente, entre nós. Entretanto, em Paris, á beira do Sena, não é raro encontrar ao lado de gente sem nome que alimenta a esperança de apanhar um minusculo peixe para a hipotese de um almôço, escritores de nomeada. sentados á margem do rio, horas e horas, de cana na mão, absortos na tranquilidade quasi budica da pesca.

E, como vem a ponto, citaremos a definição que Alphonse Karr, o contista de «Sous les Tilleuls», achou para a linha de pesca. Uma linha de pesca, dizia ele—que era aliás um pescador impenitente—é uma «coisa» que começa por um anzol e acaba num imbecil.

E concluía: — Hoje, do meio dia até ás quatro da tarde. eu fui o imbecil.

AUGUSTO RICARDO



Quando, no seculo XIX, se intensificaram as relações entre o Japão e as nações europeias, muitos filhos do imperio do sol nascente adoptaram os trajos ocidentais. No principio da era Menji, todas as pessoas que ocupavam um posto oficial, vestiram-se á europeia.

Ha já muito tempo se notava que o «kimono» era pouco pratico. Para os homens, as largas mangas do «kimono» eram incomodas; para as mulheres, que usavam o «obi», especie de cinta enrolada muitas vezes no corpo, tinha o perigoso inconveniente de comprimir os orgãos, ao mesmo tempo que afectava a estetica. Num pavoroso tremor de terra que desvastou o Dai Nippon, a maior parte do vestuario desapareceu. Decretou-se, então, que todos os colegiais, rapazes e raparigas, usassem o uniforme da marinha, com saia para as meninas.

Depois de 1914, a moda do vestuario europeu propagou-se ainda mais, e todo o japonês elegante passou a usar na rua, os nossos jaquetões e «paletots», reservando o trajo nacional para casa.

As materias primas para a confecção dos fatos—lã e algodão—tornaram-se muito raras, no país, razão por que o governo mandou agora estudar um vestuario, sobre todos os aspectos pratico, cujo custo seja bastante economico.

■

Guedes de Amorim, escritor de rara sensibilidade, de inteligente penetração e espirito construtivo, ajustado como poucos á epoca actual, confirma o seu brilhante talento de romancista com um novo livro, «Aldeia das Aguias», que será posto á venda nos primeiros dias de maio. O novo romance de Guedes de Amorim, vive, em profundidade, esta interrogação, que, presentemente, ocupa a atenção dos comandantes dos povos:

—Para onde vão os homens das aldeias?

Todo o livro, com grande alcance universal, num enrêdo de original e forte regionalismo, responde a esta pregunta. O romance «Aldeia das Aguias» decorre num meio paisagistico que, pela vez primeira, é chamado á literatura portuguesa.

■

No seculo XIX, o escritor Roger de Gardelle sugeriu um dia a Lamartine a ideia de escrever uma vida de Jesus. Foi agora encontrada, datada de Paris, 7 de abril de 1852, a resposta do autor do «Genio do Cristianismo»:

Monsieur:

Je vous remercie de la pensée que vous voulez bien me communiquer. Je l'aurais eue moi même. Voici ce qui m'a retenu:

L'histoire de Jesus-Christ, considéré comme Dieu, ce serait le Catéchisme. L'histoire de Jésus Christ considéré comme homme, ce serait une impiété aux yeux des chrétiens.

■

O Museu de Arte Antiga vai adquirir um quadro de Portugalois, pintor português que se assinava com esse nome e que viveu, durante largo tempo em França. Portugalois é considerado um mestre dos primitivos. No quadro de assunto religioso, vê-se uma insignia portuguesa, o que irrefutavelmente, demonstra a origem do artista.

Os nossos contos

CELIA

por Eugenio Vieira

Nas largas aleas do velho parque, as folhas das arvores caíam ao sopro debil da brisa.

No ar, cada folha, de côr oirescente ou purpurea—recordação de aurora ou de poente—pairava uns momentos, como se quisesse ainda deter-se ou voltar ao seio de sua mãi, a arvore, para dizer-lhe um ultimo adeus...

Quando, em seu vôo tremulo, a folha desprendida rasava o chão, um rumorsinho se ouvia, nascido do contacto do pequeno cadaver vegetal com o seio herculeo da terra.

Pouco a pouco, o piso das aleas foi-se atapetando de manchas purpurinas, entremeadas de outras oirescentes.

E a queda das folhas continuava, numa tarefa pausada e intercadente, de forma que o ouro e a purpura vegetais cresciam e se acumulavam, alcatifando, por fim, as pequenas ruas e as largas alamedas.

No meio da exuberancia vegetal, erguia-se, em estilo italiano, o palacete do marquês de G, circundado de arbustos florentes que, mal chegava a primavera, tornavam a atmosfera inebriante.

Pelo alto e largo portão ferreo, brasonado áquela hora entreaberto, descobria-se, para além da escada marmorea alvejante, deserta e desnuda, ao cimo, a *marquise*, erecta nas suas colunas hirtas, e em frente, um grande atrio ladeado de tufos de geranios, de fucsias e outras plantas raras, entre as quais, em estufas, se distinguiam as contorcionadas e como que aracdinias orquideas, essas flores animadas de movimento, de excentrica vida e bizarra policromia.

A um lado do atrio, perto do alpendre, numa preguiceira de damasco branco e oiro, com guardas côr de ambar, desenhava-se, reclinado, um esbelto vulto de mulher.

Era Celfa, a filha primogenita do marquês de G... Tinha o corpo envolto num roupão de setim castanho-brilhante, mosqueado a côr de chama e no seu grande decote surgia, vaporosa, uma fina e ondulante gola de escumilha branca, da alvura dos cisnes.

Os pés descansavam, mimosamente, num riquissimo tapete oriental em cujo fundo passeavam ibis entre juncais floridos. Calçavam aqueles pés minusculos uns breves sapatinhos decotados, côr de rosa-chá, deixando vêr umas meias côr de carne, tão transparentes que davam a ilusão de nem sequer existir.

Celia estava lendo. A espaços levantava os olhos, num abrangimento para além do largo portão, como em atitude de quem espera.

Era á hora do poente. No ceu deslisava lentamente o sol, enorme, avermelhado, entre tenues nuvens rubras, lembrando alguma cabeça decepada, ensanguentada e caída em laguna de sangue lambida por labaredas de incendio, numa dessas vertigens criminais pintadas por certos crepusculos.

Ela levantara, por fim, os olhos, quedando enlevada no cenario crepuscular, o rosto reclinado na palma da mão, absorta, contemplativa.

Em tal atitude e com atractivos tais, Celia lembrava-nos alguma estatua colorida, liberta das ruinas de Pompeia, porém, animada de uma vida extra-humana, á luz cambiante daquele entardecer.

.....

Subito, estremeceu levemente. Levantou-se rapido, tendo um olhar penetrante que observava em frente. As faces apareciam-lhe animadas por um sorriso doce, enquanto comprimia as mãos pelas palmas, e assim quedou, como estatica, irradiando uma ternura de amor.

No portão entreaberto aparecia e silhueta dum mancebo de um aspecto muito original, entre excentrico e gentil.

O portão rangeu, deixando passar o vulto que chegara e que principiou subindo os degraus.

Celia caminhou ao seu encontro, a passos breves, só parando junto dos balaustres e curvando-se para a escada, ligeiramente.

Numa desprendida elegancia, o mancebo, ao transpôr os ultmos degraus, curvou-se em fidalga gentileza, pegou, pelas pontas dos dedos, na mão rosea que Celia lhe estendia, e beijou aquela mão minuscula, de olhos baixos. Depois, ergueu-os suavemente, em doce preito áquela formosura.

—Até que enfim chegou, Domenico! Sabe que foi muito mau?... Fez-me esperar muito!...

—Muito?!—preguntou o mancebo envolvendo a jovem num olhar entre sonhador e suplicante.

—Muito... sim...—respondeu ela, num certo ar de tristeza, e continuou: Muito... porque, sempre que o espero, os momentos são anos...

—Perdôe, Celia!... Eu sei... mas...

—Mas... o quê?...

—E' que, sempre que venho, tenho uma hesitação medonha!...

—Hesitação? E porquê?... Porque hesita?...

—Porque a mo, Celia... Sim... porque a amo muito... muito!...

—Outros pensam diversamente, Domenico. Esses, fazem do atrevimento o arauto do amor... O senhor... não. Traz como arauto a timidez... e isso encanta-me, creia...

—Outros... — murmurou Domenico, num tom como absorto e com certa perturbação, que se lhe denunciava no tremulo da voz e na palidez subita do rosto. «Outros...»—repetiu mais baixo, e, soltando um suspiro, acrescentou:

—Emfim!...».

Ela envolveu-o no lento e amoroso olhar com que lhe afagava os cabelos romanticos, da côr do ébano, com reflexos e recortes claros, e lhe caíam sôbre a gola, desde o azulino gôrro de veludo até aos ombros, que se mosqueavam de luz mais clara em rugas da mesma côr. E ia-lhe contemplando a fronte larga e calma, apenas interrompida no seu todo iluminado por uma unica ruga entre as sobrancelhas. Penetrava o olhar no do poeta, que era vivo sem insulto e absorvente sem atrevimento, numa ternura de adoração bem visivel, em que entravam por inteiro alma e coração.

—Três dias sem me aparecer, Domenico! Que fez durante todo este tempo? Vá!... Conte-me a sua vida!...

Tinham voltado as costas á escada, e caminhavam á esquerda, por uma alea copada de altos buxos e mirtos, a par, um para o outro inclinados.

—Contar-lhe a minha vda, Celia... E' sempre a mesma... A vida... que tormento! Esta aspiração de querer vêr o que se pressente, de sentir-se impelido a realizar alguma coisa filha do increado!... A vida... que loucura!... Que cintilação radiante a afogar-se num mar de trevas!... Como é triste encará-la ouvindo o gemer das almas alanceadas que habitam os ergastulos da Dôr e... como seria delicioso fechar os punhos com segurança e rebentar as cadeias que oprimem o pulso dos martires!...

—Sonhos... sonhos, meu amigo!—disse ela.

—Na verdade, Celia, diz bem. Quem não pensa não sofre... Invejo-a... Mas... sempre lhe direi que quem assim é—e não vai nisto uma censura! — sofre duma paresia, uma especie de traumatismo de alma que o desliga do todo universal e o precipita longe dos seres seus irmãos em dôr e em sofrimento!

—Mas, se lhe disse que não sôfro! Gosto, ás vezes, de o ouvir naquela modalidade intelectiva do seu ser, quando feito tribuno, a fronte erguida na praça publica, ao contagio da sua voz mais feita para entretecer madrigais,, arrasta a multidão... E' para mim uma bela curiosidade a sua oratoria, creia... Mas... no fim de tudo, penso que esse sonho que o enleva o poderá levar-me um dia arrebatado, que sei eu? tal como a aguia ao pobre Ganimedes.

«Quando tal sucedesse, Domenico, como eu ficaria desolada! Sei que vai responder-me, como já tem feito, que se sacrifica á sua deusa e que ela se chama Libertação! Oh! a deusa!... Desde o dia em que pensei no seu provavel arrebatamento, a sua deusa teve em mim mais do que uma inimiga, porque encontrou, creia, uma rival...

—Mas... porquê, Celia?

—Porquê? Que estranha pregunta! Pois não viu já que sou egoista e impetuosa, que amo sem partilha, que sou intolerante e opressora como os meus maiores?...

—Fidalga!... Ciumes, então? Ciumes dum idolo?!... E' sempre a mesma... Ciumes dum simbolo?!...

—Ouça, Domenico. Não é bem o ciume dum simbolo. E', como direi? é... uma especie de odio ao roubo que esse simbolo me faz. Essa ansia com que luta transforma-o. A ideia da libertação absorve-o, empolga-o, leva-o!... Logo que ela o reclama ninguem mais o tem, e... se não o ter junto de mim é já um grande tormento, que lhe direi do caso de o vêr levado em triunfo, adorado pela multidão, envolvido pelos tentaculos dêsse animal colectivo impetuoso e irresistivel, entre o oceano ruidoso do vozear das turbas ignaras, o olhar coruscante em correspondencia com os multiplos olhares esfuziando o entusiasmo, o odio, a alegria e o amor numa comunhão de promiscuidade dos instintos com as almas, entre tantos homens, e, sobretudo, entre tantas mulheres!

—Não, Celia, não é assim. Não está na compreensão do que é um orador, sobretudo, se ele é o das multidões... Quando falo ás turbas não as vejo. Os olhos da carne estão fitos num conjunto humano que, pode dizer-se, não distingo, porque os da alma é que estão vendo um outro mundo, fitos no ideal. Vejo, é certo, uma massa humana aglomerada, que ora aplaude frenetica, ora susssurra e se agita em marulhar confuso, mas não distingo feições, nem vejo homens nem mulheres. Então, a minha visão é toda interior. Só contemplo os meus pensamentos, e, pelo fio do raciocinio me vou guiando. O fogo da alma não me consente sequer permutar um olhar ou atender a uma só voz. Qualquer dêsses incidentes quebraria o fio do discurso com a rapidez com que se quebra uma mola de aço. E' assim, creia. E' certo que me pressinto fitado, afagado, querido, adorado por uma multidão de olhares, como me ouço vitoriado por milhares de bôcas.

«Por mim, chamo-lhe o ambiente vital da minha idealidade. Sim... é a deusa de que acaba de se queixar, que me leva, que me arrebata, que está presente...

—Eu sei, Domenico, eu sei! Como o não saberei eu, se foi assim que pela primeira vez o vi e me atraiu, me fascinou; mais: me senti arrebatada a ponto de pôr de parte os meus reparos de familia, os meus preconceitos de casta, todo um ideal de educação. Só faltou que calcasse a pés o meu brasão... E, quem sabe se, quando eu tal fizesse, Domenico se sentiria bem; se uma tal conduta lhe seria agradavel, como aos antigos crentes era agradavel um holocausto!

—Celia! Não se torture! Deixe em paz o seu brasão... Ele não me aflige. Bem sabe que tenho a tolerancia maxima pelos simbolos. E' da minha lei um tal principio. Demais, mais alto do que tudo isso pairam as almas.

—Sim... as almas... a tolerancia... outra faceta do seu ser que me empolga. Enquanto muitos dos que o acompanham se absorvem e satisfazem na visão estreita duma materialidade, como eu o admiro, ao notar que não vê na adoração pelos ideais que julga superiores um simples preconceito ou uma conveniencia pessoal. Oh! como eu recordo, com saudade, a tarde primeira em que o vi discursando. Estava cercado duma multidão encolerizada como um mar rugiente, encapelado. A sua voz planava por sôbre aquela tempestade, como pode planar por sôbre as ondas, serenamente, no seu vôo forte e calmo, a procelaria. Pouco a pouco, Domenico, que formara toda aquela tempestade, pôs-se a aplacá-la. Como tudo mudou! Como o oceano se fez, logo, ali, lago calmo, sereno e cristalino.

.....

Após aqueles dizeres, Celia calou-se, fitando Domenico, no embevecimento doce dum terno sorriso. Ele sorria-lhe tambem, ditoso. Ela pendera a cabeça para cima do ombro do seu bem-amado, e ele caminhava pausadamente, para não desmanchar aquela postura idilica.

Iam ambos por uma das ruas mais estreitas. Por sôbre as suas cabeças caíam, como em chuva gloriosa, numa apoteose de amor e de ternura, algumas pequeninas fôlhas e muitas

(Ver continuação na pagina seguinte)

QUESTÕES DE ARTE

«Grandeza e Virtudes da Arte Moderna»

Antonio Pedro, poeta e artista, que introduziu em Portugal o dimensionismo, publicou agora ,em folheto, a sua anunciada resposta ás duas conferencias que o sr. dr. Ressano Garcia realizou na Sociedade de Belas Artes, e que levantaram ruidosos protestos dos chamados artistas novos.

Intitula-se «Grandeza e Virtudes da Arte Moderna». Antonio Pedro contradita par e passo as ideias e as criticas de Ressano Garcia, apresentando argumentos que têm não só o valor duma sinceridade sem macula, mas tambem dum belo e juvenil entusiasmo. E' possivel que os dois adversarios fiquem nas mesmas posições. O combate foi leal, embora violento, podendo-se considerar terminado com honra para ambas as partes.

DA LETRA E DA LIVRANÇA SEGUNDO A LEI UNIFORME E O CODIGO COMERCIAL, pelo Dr. José Gonsalves Dias
Segundo volume aparecer em 20 do corrente
brochado 50$00 enc. 65$00
PEDIDOS A Livraria Gonçalves -- Rua Sá de Miranda -- COIMBRA

OS LIVROS DA SEMANA

MAR VIVO
por JOAO CAMPOS
PORTO INSEGURO
poemas por ROSSINE CAMARGO GUARNIERI
SINTESE
revista mensal de cultura

I—Antonio Nobre e a originalidade

Quando relemos Antonio Nobre somos imediatamente dominados pela sua originalidade. Antonio Nobre é, de facto, sejam quais forem as razões que se invoquem para lhe atenuarem o merito, o poeta português por excelencia nascido sob o signo da originalidade. Se a originalidade é caprichosa, pois tanto pode ser um dom natural como uma especie de conquista da personalidade, em Antonio Nobre não se pode dizer com segurança quando é ela uma ou outra cousa. Na verdade, Antonio Nobre é um poeta espontaneo; mas não só um poeta espontaneo. Se como espontaneo o acolhermos, breve reconheceremos termo-nos enganado. Não: Antonio Nobre não é bem aquilo a que se costuma chamar um poeta espontaneo. Mas, cousa curiosa, tambem não é um poeta propriamente consciente. Nem mesmo é um poeta consciente das suas prodigiosas forças inconscientes. Se é certo não haver espontaneidade completa, o que nos faz pensar que efectivamente Nobre tinha a consciencia rudimentar de toda a espontaneidade, a verdade é que não ha entre o estro espontaneo de um João de Deus, por exemplo, e o estro espontaneo de Antonio Nobre qualquer ponto de conctato. João de Deus é sempre espontaneo: nunca sabe quando está a ser genial. E João de Deus é genial muitas vezes. Já Antonio Nobre não ignora a sua genialidade. Recebe a poesia como um dom, mas tem a consciencia de que é ele quem recebe esse dom.

Estamos exactamente cara a cara com a originalidade. Este colaborar, embora inconsciente, com aqueles dons mercê dos quais a poesia se revela a um poeta é, quanto a mim, o trabalho caracteristico da originalidade. João de Deus tambem é original: mas a sua originalidade é um eco, uma repetição, algumas notas acima, de melodias longinquamente entoadas. Na poesia de João de Deus repetem-se as vozes de todos os nossos poetas desde os Cancioneiros. Digamos, portanto, que a originalidade de João de Deus é sobretudo de acento. E' outra voz, uma voz de um homem que tem a sua propria voz, a repetir-nos queixas e aspirações entoadas já. Esta é a originalidade espontanea. O poeta não colabora consigo mesmo senão emquanto capaz de ter a humildade suficiente para se deixar cantar e ser tal qual como é.

Antonio Nobre, ao contrario de João de Deus, é um poeta colocado frente a frente á originalidade. Espontaneo, Antonio Nobre deixa-se ser espontaneo. Mas como sabe que é espontaneo, não se inibe de o ser a proposito seja do que for. Para Antonio Nobre não ha direcções proibidas: a poesia vai a toda a parte. Onde quer que esteja é soberana. Uma das cousas que lhe permite este ávontade é sem duvida nenhuma a percepção de que onde quer que esteja só ele proprio conta. Nobre sente-se rei perante os proprios reis. Esta confiança ilimitada no prestigio da individualidade constitue a maior fôrça da poesia deste grande poeta. A originalidade não é outra cousa: a originalidade é exactamente uma afirmação, mesmo intempestiva, da personalidade humana.

II—A lição da espontaneidade

Antonio Nobre é na poesia portuguesa um grande exemplo. Bem sei que poucos poetas portugueses terão sido tão incompreendidos. Ha quem o negue hoje com a mesma paixão com que alguns seus contemporaneos o negaram. A' originalidade o deve. Deve-o a essa afirmação quasi impertinente daquilo que nele era a sua individualidade. Mas o seu exemplo importa, porque graças a ele os poetas sem individualidade devem sentir-se constrangidos. Quem lê Camões ou Antero pode ter a ilusão de vir a ser Camões ou Antero. A arte destes grandes poetas atingiu qualquer cousa como uma impersonalidade cientifica. Podem escrever-se, com relativo exito, sonetos á Camões ou á Antero. Tais poetas não desautorizam os discipulos desprovidos de meritos propriamente liricos, antes os incitam á imitação. Não digo que a leitura de Antonio Nobre não tenha instigado muito falso poeta. Mas não ha duvida de que o seu exemplo pode fazer despontar as qualidades precisamente opostas áquelas que os mestres da poesia objectiva estimulam. Antonio Nobre oferece o exemplo da sua propria personalidade em conctato com a poesia. O leitor sagaz verá imediatamente que para imitar um mestre como Nobre ha que não confiar nos seus ensinamentos de caracter objectivo: o que ele exprime objectivamente só ele o pôde exprimir. Quem o quiser seguir, imitti-lo-á Eis como o seu exemplo é nefasto aos desprovidos de personalidade. Eis como é benefico quando obriga os que o querem seguir a afirmar, pela voz deles, aquilo que constitue a fôrça dum poeta: a afirmação da personalidade.

Nobre ensina, pois, a ser pessoal. O exemplo da sua obra é benefico aos verdadeiros poetas, prejudicial aos falsos. A par de uma lição de personalidade, Antonio Nobre é uma lição de espontaneidade. Isto, que parece incompreensivel, é um facto. Ninguem está melhor situado para nos ensinar a ser espontaneo do que aqueles que nos mostram que a espontaneidade não é inconsciencia total. Nobre ensina, a ser consciente e espontaneo, porque a espontaneidade não é um dom inreflectido.

Não sei que mais é preciso para encararmos Antonio Nobre como um dos precursores do chamado «modernismo» da nossa poesia. Quem nunca se apercebeu disso, é tempo de o fazer: a poesia «moderna» quere que os poetas sejam espontaneos exactamente como o foi Antonio Nobre. Os poetas que não sabem ser espontaneos não podem ser originais. A poesia exige que a espontaneidade não encontre o poeta desprevenido.

III—Cuidado com os caminhos faceis

A lição de Antonio Nobre foi recolhida pela maioria dos poetas «modernos» nacionais. Até os brasileiros a receberam. Na lista dos poetas «mais queridos» do jovem poeta João Campos, Antonio Nobre tem o primeiro lugar. João Campos teve a coragem de inscrever no átrio do seu livro *Mar vivo*, (Edições *Presença*, Porto, 1939), os nomes daqueles poetas que o ajudaram a ser poeta. E, no entanto, de entre todos esses nomes apenas um o influenciou poderosamente. Dir-se-ia que a primeira parte de *Mar vivo* foi inspirada na *Ode Maritima*, de Alvaro de Campos. A lição de Antonio Nobre, essa, a-pesar de tudo, é pequena. Uma das coisas que João Campos não conquistou ainda foi a sua propria personalidade. Afigura-se-me que João Campos se procura através de sugestões momentaneas, tomando como seus, inclusivamente, temas que são apenas de um certo poeta e de uma certa tendencia da poesia «moderna». O tema dos portos, dos cais, dos navios, do mar é tratado por João Campos com uma visivel impersonalidade. Quere dizer que o poeta de *Mar vivo* ainda não soube encontrar a sua espontaneidade, aquela espontaneidade que é afinal a denuncia na poesia da personalidade autentica do poeta.

Estamos em face de um primeiro livro. E' bom por isso que não queiramos ver já conscientemente revelada a personalidade do poeta. Mas não queremos, por isso, deixar de advertir João Campos de que essa revelação pode ser lenta. A facilidade denunciada em certos poemas deste livro pode comprometer a verdadeira espontaneidade. E' preciso refrear os ímpetos de uma musa que não teme correrias por estradas belamente sinalizadas. A poesia deve tropeçar, enganar-se no caminho, voltar a trás e recomeçar infindavelmente. E' preferivel isso ás caminhadas demasiado faceis, demasiado comodas. João Campos lança-se muito comodamente demais nas estradas da poesia. E nem os seus protestos antecipados de sinceridade nos convencerão de todo que o seu entusiasmo pelo mar não seja em grande parte mera sugestão de Alvaro de Campos. Quando ele diz:

Sou de todos os vôos de gaivotas e das suas travessias
quasi incompreensiveis aos homens da terra tão lentos
e tão distantes do entendimento das asas de uma gaivota.
Sou de todas as nuvens do mar que mergulham nas aguas
e lhe dão a côr na mais absoluta e total das posses.

Ah! como eu sou de todas as tempestades e de todas as tragedias do mar!

talvez tenha posto neste protesto muito da sua sinceridade. Mas a sinceridade do poeta tem muito da sinceridade do actor. Começa por encarnar um papel que lhe é indiferente e acaba possuido por ele. João Campos chega mesmo a exprimir belas cousas nestes poemas maritimos, mas pressente-se que o ponto de partida deles é literario. Talvez até por isso mesmo, João Campos exclama, após os versos anteriormente transcritos:

Esta identidade é sincera e não foi arranjada
para compôr com originalidade este poema,
que nem sei se algum dia será lido.

Rebate de consciencia? Talvez. E' que, de facto, esta identidade entre o homem e as vagas, entre o homem e as gaivotas, entre o homem e as nuvens não é psicologicamente coisa para arrebatar. Lê-se e fica-se desconfiado. Que o mar pode exercer sôbre o homem uma fascinação poderosa é inegavel. Mas quem assim fôr tão fortemente tentado pelo mar acabará, naturalmente, por ceder á tentação. Tal homem far-se-á mais facilmente marinheiro que poeta. Ouvir, durante seis longos poemas, um poeta, imovel na sua cadeira, com a pena entre os dedo, a suspirar

Há lá nada mais belo que ser marinheiro!

faz-nos desconfiar. Não será uma aspiração literaria? De facto, um homem pode aspirar toda a vida áquilo que não é. Mas nesse caso, em geral, não sabe muito bem o que quere ser. Na *Ode Maritima* a paixão pelo mar é simbolica. Quando não é simbolica é mistificação. O poema de Alvaro de Campos é um modelo de virtuosismo. Todos os seus raptos, todas as suas exaltações, são calculo. João Campos deixou-se iludir por esse frio virtuosismo e tomou-o por aspiração legitima de poeta. Daí a sua exaltação entre ingenua e literaria pelas coisas do mar. Já em poemas como *Humanidade* o caso muda de figura. Então, o poeta exprime um drama seu: um drama que tem realidade na contextura geral do seu proprio livro. Quando ele diz:

Sei que não sou a grandeza do sonho que me peço.
Que só vos posso deixar um mau romance, amigos!
E sei que me trazeis medido de hora a hora,
que me olhais com serena desconfiança,
como se andasse muito longe de vós
e as minhas atitudes vos pudessem magoar.

sente-se que não improvisa literariamente. Traduz uma inquietação da sua vida: não quere que o julguem pouco humano e teima em mostrar-se á altura da humanidade que supõe nos amigos. Demais João Campos é sensivel: tem uma visão plastica do mundo. Os seus versos são bem modelados. *Musica Negra* é mesmo um belo quadro sombrio e desesperado.

Isto basta para que *Mar Vivo* seja uma afirmação de talento. O livro de João Campos é de facto, a obra de um poeta talentoso, que não encontrou ainda o caminho da personalidade. Só lhe falta, agora, revelar o que nele é diferente dos outros: aquele misterioso ponto de intercepção entre o homem e a humanidade.

IV—Seria melhor esperar pelos quarenta anos

Diz Mario de Andrade no prefacio do livro do seu compatriota braileiro Rossine Camargo Guarnieri—*Porto Inseguro* (Livraria José Olimpio, Rio, 1938)—que seria bom que os jovens se limitassem a publicar os seus versos em revistas. Só por volta dos quarenta anos deveriam tentar o livro. Aqueles que conseguissem chegar poetas aos quarenta anos, esses seriam poetas, havia que acreditar neles. Os quarenta anos, seriam a pedra de toque da poesia. Mario de Andrade tem razão. As suas palavras aplicam-se bem ao autor do livro prefaciado. Se preguntarmos que há de pessoal neste poeta, responder-nos-á o silencio. Nada. Ou quasi nada. A poesia, para muitos poetas brasileiros, é apenas uma forma de dar relevo a preocupações sem nenhuma especie de interioridade humana. Talvez por isso este poeta Rossine Camargo exclame a certa altura:

Vem, companheira, ajuda-me a fazer alguma coisa que perdure!

Este grito não é meramente literario: exprime bem a consciencia do poeta gelada perante o efémero dos seus versos. De facto, não pode haver ilusões sôbre o que há de efémero em poemas deste quilate:

Teus olhos boiavam
nas aguas de um lago,
teus olhos foram crescendo,
teus olhos foram crescendo,
as aguas foram subindo,
as aguas foram subindo,
e o lago
de repente
transbordou...

Nesa hora côr-de-cinza
minhas ilusões
morreram de tédio bocejando
e os meus pensamentos
fugiram calados na ponta dos pés...

V—Cultura ou divulgação?

De Coimbra voltam a sair revistas de jovens. Depois de alguns anos de silencio, a juventude coimbrã parece ter renascido para as letras. *Sintese* é o titulo de uma nova revista de Coimbra de que já se publicaram dois numeros. O director desta revista é um jovem; João Ramiro. Mas as preferencias deste jovem vão para assuntos cientificos. Conquanto Antonio Sergio, no primeiro numero de *Sintese*, tenha definido claramente o papel da cultura, coisa muito diferente de uma vulgarização de conhecimentos, esta revista inclina-se mais pada a vulgarização do que para a cultura. Assim João Ramiro propõe-se divulgar entre nós a psicanalise. *Propedeutica Psicanalitica* é o titulo dos seus artigos vulgarizadores das ideias de Freud. Diga-se, de passagem, quetal divulgação está feita em termos bastante comezinhos. Em compensação Abel Salazar afirma que a revista *Sintese* vai integrar a cultura nos horizontes esquemáticos por ele apregoados como a ultima solução para todos os problemas do espirito. Eis-nos assim indecisos entre o papel divulgador de *Sintese* e o seu papel integrador. Em todo o caso poemas como *Judas*, de Joaquim Namorado, desenhos como o de Julio, e um ou outro artigo traduzido, como *Civilização e Cultura*, de procura orientar-se e tomar rumo um pouco mais amplo do que era de prever. Oxalá assim seja.

JOÃO GASPAR SIMÕES

CELIA

(Continuação da pagina anterior)

petalas de flôres de um renque de altos e copados arbustos.

Tinham dado volta ao parque e estavam ante uma larga saída, cujos umbrais eram em ruinas e rodeados de sebes viridentes.

Soou uma longa detonação e os dois sorrisos retraíram-se e as duas cabeças afastaram-se como maquinalmente. Outra detonação, longa, soou, e outras se lhe seguiram. Eram tiros de peça, que soavam das bandas do mar.

—Eis a deusa, eis a deusa!—exclamou Domenico, premindo nas suas as mãos de Celia.

—A terrivel deusa, Domenico!—disse ela como convulsa, toda tremula.

As detonações soavam agora maiores e por intervalos mais curtos.

—Sim... é a deusa terrivel!—repetiu ele, o rosto já de escorço, carregado o semblante, transformado pelá emoção e pela sombra. Levantando o braço rapido e estendendo-o, exclamou em voz cava, enquanto o olhar lhe esfusiava:

—Chamas-me?... Aí vou!...

Soavam frementes toques de clarim, e, num retumbar longinquo, ouviam-se tambores. E os tiros de peça, no seu estrondo grave e impetuoso, continuavam sempre.

Ele agarrou-a, fremente, pela cabeça, numa ansia como leonina, louca, permitiu-lhe na testa como olimpica os labios em fogo, e, num movimento brusco, libertando-se daquelas mãos queridas, correu ao longo da sebe, e saíu.

—Domenico! Domenico!—bradou Celia com voz entrecortada, já envolta nas primeiras sombras da noite. Teve ainda um brado:

—Que vai fazer?

Respondeu-lhe uma voz calma e grave, já um pouco distante:

—Queimar incenso á deusa!

Ouviu-se, distanciando-se, um ruido de fôlhas e ramos quebrados sob os passos, que em breve se apagaram. Soaram uns soluços de mulher. As trevas tornaram-se densas. As fôlhas das arvores continuavam caindo ao sopro debil da brisa, nas largas áleas do velho parque.

EUGENIO VIEIRA